Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



LORETTA YOUNG, a linda vedeta da Aliança-Filmes, que vamos ver na comédia «OS MÉDICOS TAMBÉM SE CASAM»

2.ª SÉRIE — N.º 17 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 3 DE MARÇO DE 1941 — PREÇO: 1$50

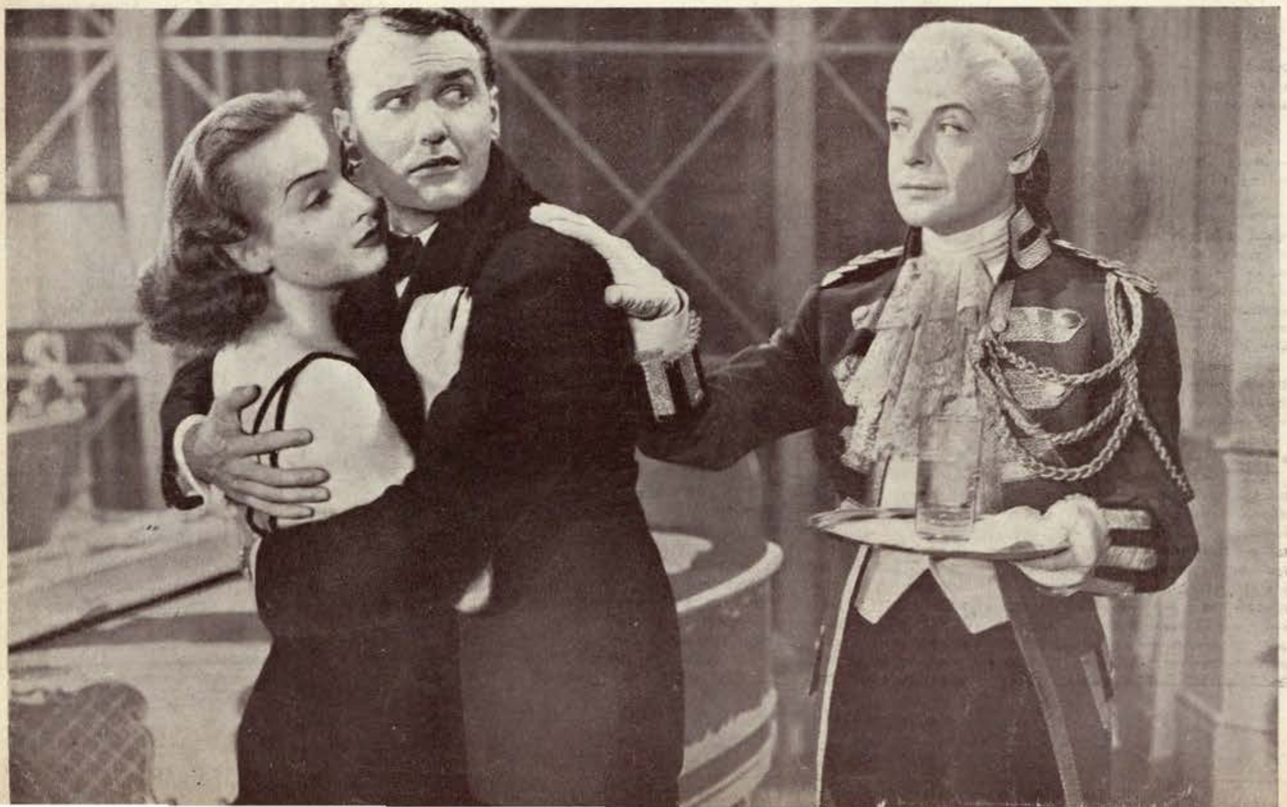


Um novo grande êxito da S. I. F. em perspectiva

ESCÂNDALOS DE AMOR

uma comédia de espírito e de imprevisto inexcedíveis, com

CAROLE LOMBARD *e* FERNAND GRAVEY





BARBARA STANWICK

A vedeta excepcional que vamos ver no filme «Os Quatro Cavaleiros da Vitória» (Paramount)



LEW AYRES

O galã de «A Oeste Nada de Novo» e de «A Irmã de Minha Noiva» (R. K. O.) hoje exclusivo da M. G.

2.ª série N.º 17 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 · Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: **ANTÓNIO LOPES RIBEIRO**

1 de Março de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

OS LEITORES MANIFESTAM-SE

CONTRA OS INTERVALOS!

São inúmeras as opiniões favoráveis à sua imediata e inevitável supressão

As leitoras continuam a escrever — e os leitores também — acêrca do segundo intervalo. A nossa campanha encontrou um éco lisonjeiro. Muita gente nos tem telefonado a pedir a projecção contínua do filme de fundo, a aplaudir a nossa iniciativa e a preguntar:

— Daqui a quantos dias acabará o 2.º intervalo?

«Melita» — uma gentil leitora — enviou o seguinte postal a António Lopes Ribeiro:

«Um grande «apoiado» ao seu artigo «Abaixo o intervalo!» Eu, que tanto detesto o intervalo no meio dos filmes de fundo, fiquei radiante com o seu grito de guerra. Bem haja! Todo o seu artigo me agradou, pois sou uma espectadora que não aproveita os intervalos para nada...»

Uma opinião ponderada

«Uma Amiga do Cinema», leitora que demonstra inteligência, ponderação e bom-senso, enviou também uma carta aplaudindo o citado artigo e acrescentando:

«Por outro lado, porque não se havia de fazer na vossa revista um inquérito (no género daquele feito a propósito do filme «Mulheres») junto de pessoas em destaque, críticos, escritores, jornalistas, etc., sôbre a questão do intervalo? Tenho tanta confiança que a maioria dêles, senão todos, nos daria razão! E a aprovação dessas pessoas talvez animasse o público!

«Por fim, quanto aos donos das casa de espectáculos, quanto aos directores de emprêsas que tenham interêsses na existência do 2.º intervalo... pois bem, que diabo! é convencê-los também!

«Que sacrifiquem também um nadinha de tais interêsses à inteligência e harmonia do espectáculo... E, além disto, talvez se possam defender, por outro lado, sem sacrificarem o filme de fundo e os espectadores cinéfilos. Por exemplo, diz o senhor (e muito bem) que aumentem o 1. intervalo; 15 minutos é razoável. Chega para visitar o «foyer» e ir lá fora fumar um cigarro... (os malditos cigarros que, apesar de fumados lá fora, conseguem tornar a sala enevoada e sufocante... — mas, perdão, isto é outra história, como diria Kipling...).

«Podiam também fazer-se fitas de publicidade curtas, de três a cinco minutos, bem feitas claro está, como a dos 3 cavaleiros que partem à conquista... da Cafiaspirina (!) etc.».

Fumadores que não são favoráveis ao intervalo

«Leão da Metro» fez-nos ouvir o seu potente... «rugido». Diz êle, protestando contra o 2.º intervalo:

«Vós, massas anónimas de estudantes cinéfilos, grupos de amigos que se reúnem para ir ao cinema, vejam bem a sensação de mau estar que produz o golpe no meio da fita, e exteriorizem-na, caramba! Não é preciso mais nada! As pequenas que estão na sala, o cigarro que aqui se torna um vício duas vezes, não devem ter poder suficiente para prejudicar uma fita que custou milhões. De resto, há o primeiro intervalo que, sem lesar o espectáculo, chega e sobra para satisfazer todos estes vícios, criados afinal de contas pelo próprio intervalo e não pela necessidade pública».

«M. R. R.» não é menos explícito quando nos escreve:

«...Onde todos os freqüentadores de cinemas, e principalmente os cinéfilos, estão de acôrdo, é na reprovação do facto de se cortarem as fitas, mesmo de grande categoria, com um intervalo que não tem razão de ser.

«Para fumar um cigarro, para alguns minutos de conversa, para ver quem está, os primeiros dez minutos — às vezes mais de dez — chegam perfeitamente e, só com um intervalo nunca teríamos no meio dum filme, geralmente numa altura de interêsse, de fazer um compasso de espera.

«Porque a um cinema vai-se para se ver Cinema e não está certo que se divida uma fita em duas metades, medida absolutamente anti-cinematográfica».

«Flor Tropical» enviou-nos o seguinte postal em que se manifesta partidária fervorosa dos flimes projectados sem corte:

«...Como não podia deixar de ser, declaro-me inimiga do famigerado intervalo. Abaixo com êle!»

Os leitores escrevem a «Bel Tenebroso» aplaudindo a nossa campanha

«Bel Tenebroso» recebeu, por seu turno, os seguintes postais de protesto contra o 2.º intervalo:

«Escrevo-lhe êste com o fim exclusivo de aprovar a V. campanha contra o 2.º intervalo. Deitem, deitem abaixo, que eu também empurro um bocadinho.» — I LOVE SHIRLEY TEMPLE

«...confesso que estou absolutamente de acôrdo com a supressão do estúpido intervalo a meio do filme principal. Eu e tôdas as pessoas com que trato.» — CINEMÓFILO.

«...escrevo hoje para lhe dizer, a propósito dos intervalos:

«— Qual fumar durante o espectáculo!? Não, senhor. Deita-se abaixo o intervalo e não se fuma!

«Eu também sou grande fumador e contudo jàmais abandono uma sala de espectáculos só para ir fumar. Podem contar comigo para deitar o intervalo abaixo». — ABEL DIABÓLICO.

Recorda-se que «Animatógrafo» não prejudicará quaisquer interêsses

Aqui ficam arquivadas mais algumas das muitas opiniões que chegam diàriamente a esta redacção.

Agradecemos os aplausos mas ousamos relembrar, para evitar possíveis más interpretações, que:

— «Animatógrafo» não vai suprimir os intervalos, mas sim evitar o corte do filme de fundo.

— O número de intervalos mantem-se por conseqüência.

— Nem o exibidor é lesado; nem o público fica prejudicado; nem os bufetes, os vendedores de cigarros e de chocolates ou os anunciantes dos mostruários sofrem com a innovação.

— «Animatógrafo» iniciou a campanha contra o 2.º intervalo, respeitando todos os interêsses, artísticos e comerciais, favorecendo mas não prejudicando seja quem fôr ou seja o que fôr.

Sabido isto, continuamos o nosso caminho, contra o malfadado 2.º intervalo, espanto dos estrangeiros nossos hóspedes e arrelia dos verdadeiros espectadores de Cinema.

CONCURSO DE PROGRAMAS

A propósito dos programas dos cinemas que os leitores começaram a coleccionar para poderem tomar parte no GRANDE CONCURSO que nos propomos organizar no decorrer dêste ano, e que se baseia nas MAIS COMPLETAS COLECÇÕES DE PROGRAMAS que forem apresentados, esclarecemos que cada concorrente só deve reünir os que dizem respeito ao cinema ou aos cinemas da cidade, vila ou aldeia onde reside e que freqüenta. Não se trata, pois, de colecções de programas dos diferentes cinemas de Portugal. Deitem-se com alma ao concurso! «ANIMATÓGRAFO» promete valiosos prémios e «ANIMATÓGRAFO» cumpre sempre o que promete.

Os exibidores estão de acôrdo, mas...

Prossegue o nosso inquérito à-cêrca do segundo intervalo

Continuamos hoje a publicação das opiniões dos exibidores de Lisboa àcêrca do momentoso problema do intervalo a meio do filme de fundo. Temos de reconhecer que, ressalvadas certas questões de ordem comercial, absolutamente respeitáveis e perfeitamente solucionáveis, não há atritos nem dificuldades para se não interromper a projecção do filme-base. Fomos bem recebidos por todos os exibidores — muitos dos quais estavam a par da nossa iniciativa e a todos agradecemos as suas opiniões, que permitirão a «Animatógrafo» estabelecer a solução exacta do problema em equação, sem ferir interêsses nem susceptibilidades.

Voltam a ter a palavra os exibidores.

«O intervalo mutila o filme. Todavia...» — declarou-nos Carlos Moreira

Alegre, com a vivacidade e a jovial franqueza que o caracterizam, Carlos Moreira recebe-nos no Politeama. E, diante duma chávena de café, confidencia a sua opinião:

— Pessoalmente, sou contra o intervalo que mutila os filmes. Como exibidor, considero, porém, bom o sistema adoptado nesta casa. Não condeno, porém, o projecto da exibição seguida das películas de fundo, entenda-se. Mas notem eu, por exemplo, sou grande fumador. Não sei se poderia suportar tão longo compasso de espera. De resto, há hábitos adquiridos... O público que enche as nossas casas de espectáculo quere ver-se, admirar-se... Bem sei que «Animatógrafo» não pretende acabar com os intervalos, mas sim com o que divide um filme em dois. Todavia, faço notar: menos do que um intervalo seria impossível e mais de dois seria demasiado...

O Condes perante o problema

Castelo Lopes não estava (só o apanhámos mais tarde), mas encontrámos, em seu lugar, Virgílio Costa, gerente do Condes, que respondeu com franqueza:

— A propósito dos intervalos no meio dos filmes de fundo... Parece-me preferível que interrogue Castelo Lopes. Pessoalmente digo-lhes: cada qual sabe de si, das suas conveniências comerciais, e do seu público, não é verdade? Não concordo com a supressão dêsses intervalos. Deixemos estar o que está e que o público aceita de boa vontade.

— Mas é o próprio público que protesta — observámos.

— O Condes tem uma freqüência especial, como qualquer outra sala de espectáculos. Não sei como êle receberia a supressão reclamada a meio dos filmes de fundo. Essa supressão obrigar-nos-ia a modificar a constituïção dos programas?

— De modo nenhum — esclarecemos.

— Ou forçar-nos-ia a alterar o horário do espectáculo? Lembro-lhes, a propósito, que o público só enche esta sala depois das 10 horas, corridos os complementos, que muito boa gente não quere ver... Mas falem a Castelo Lopes.

Falámos. E eis o que êste nos disse:

— Por mim, condeno o intervalo. Lá fora, no estrangeiro, os filmes passam a seguir e assim é que está certo. Todavia, entre nós, muita gente que vai ao cinema gosta do intervalozinho para fumar, para se ver, para conversar. Não sei se, por exemplo, o público do meu cinema aceitaria a projecção contínua dos filmes de fundo. Em qualquer circunstância, é conveniente pensar-se bem na questão dos bufetes e dos mostruários, que representam interêsses comerciais importantes e respeitáveis. E é ainda conveniente pensar nos senhores espectadores que gostam de fumar e que têm de esperar pelo intervalo para acenderem o cigarro...

E o Eden Teatro?

Lopo Lauer responde-nos com a vivacidade que o caracteriza, e com sua bonomia habitual:

— Se me preguntar o que penso dos intervalos a meio dos filmes, debaixo do ponto de vista artístico, só lhe posso dar uma resposta: não têm justificação possível. Mas o problema que «Animatógrafo» levanta não é tão simples, pois não pode esquecer o factor comercial. Quere dizer: se mantenho no Eden o intervalo a meio dos filmes é porque sinto a sua «necessidade», sob o aspecto comercial. E sabe, porque sinto essa necessidade? Porque vejo os espectadores «prepararem-se» para vir ao cinema, como a um espectáculo de circunstância. Só em Portugal se vê isso. Lá fora as pessoas vão ao cinema com a maior despreocupação, para passar um pedaço de tempo. Entre nós «ir ao cinema» é uma coisa complicada, uma função séria — para a qual se vestem os fatos de ver a Deus e se põem peles caras.

Ora é evidente que isto não se faz apenas para se estar às escuras, a ver as fitas...

— Mas não acha que o espectáculo cinematográfico ganharia com a transformação das suas actuais condições de exploração?

— Certamente! E quem me dera! O desaparecimento do segundo intervalo seria o primeiro passo para o regime das sessões contínuas, que vigora em todo o mundo, regime que, evidentemente, só poderia agradar aos exibidores.

Confesso que me prestaria de bom grado a uma experiência, se ela fôsse posta em prática por todos os exibidores de Lisboa. Mas para a tentar, vejo a necessidade de conseguir primeiro duas coisas: primeiro, convencer o público a vir ao cinema com a mesma simplicidade com que vai ao café! — e depois obter a revogação da proïbição de fumar nos cinemas, que também só existe em Portugal.

Inquérito no Central Cinema

No Central Cinema.

— Álvaro Pires? Chega esta noite, ou amanhã, do Norte — elucida-nos Luiz de Oliveira.

— Enquanto esperamos por êle, dê-nos a sua opinião sôbre a questão dos intervalos.

— A minha opinião? Acho que êles prejudicam os filmes de fundo, que não foram feitos para os suportar. Mas falem a Álvaro Pires...

Todavia, o gerente do Central Cinema não chegou a tempo de ser ouvido para êste inquérito e nós ficámo-nos, por aqui, com a opinião pessoal de Luiz de Oliveira.

No Europa, os intervalos não cortam os filmes!

Desta vez recorremos ao telefone... O gerente do Europa, pareceu um pouco surpreendido com a nossa pregunta.

— Não, não... No Europa, abolimos há muito o intervalo a meio dos filmes. O público compreendeu a nossa iniciativa e nunca se cansou ou aborreceu. Pelo contrário, está mais interessado. No Cinearte, não cortamos o filme de fundo, mas ainda não abolimos totalmente o intervalo a meio do filme de complemento. Há razões especiais que nos levam a proceder assim, mas ainda não desisti de acabar, lògicamente, com êle. Frizo, contudo, que os filmes de fundo são sempre projectados a seguir. Nem por sombras lhe metemos um intervalo!

«O intervalo tem inconvenientes e vantagens» — disse-nos o dr. Campos Figueira

Ligamos para o Capitólio. O dr. Campos Figueira atende o telefone.

— A supressão brusca dos intervalos a meios dos filmes pode surpreender os espectadores. E creio que a essa supressão andaria ligada outra: a da proïbição de fumar nos cinemas. Muitos homens — e até muitas senhoras — não poderiam ver passar ininterruptamente certos filmes de 3.000 ou 3.500 metros. Cada cinema sabe de si e tem, quanto ao sistema de trabalho, quási um método próprio. O caso dos cinemas de «reprises» é diferente do caso dos cinemas de estreia. Os nossos programas — depois — são longos. É preciso que o público descanse. No Capitólio, damos um intervalo no fim dos complementos, outro no fim do primeiro filme e outro a meio do segundo. Para programas extensos, acho conveniente usar êste processo. Até hoje, temo-nos dado bem com êle e ninguém protestou.

Tem inconvenientes o intervalo? Tem, sim, senhores; tem inconvenientes e, ao mesmo tempo, vantagens. Não se esqueçam de que se êle existe, por algum motivo é, e que a êle estão ligados interêsses comerciais muito importantes.

— Mas ninguém suprime nem reduz os intervalos — observámos: Falamos apenas no corte do filme de grande metragem...

— Por mim fala o sistema adoptado no Capitólio. Como disse, reconheço os inconvenientes do intervalo, mas também lhe vejo numerosas e importantes vantagens...

Uma opinião positiva, simples e concisa

Do Rex, responde-nos o gerente:

— Intervalos a meio dos filmes? Nada, nada, isso não se usa cá na casa! Há muito tempo que banimos o tal intervalozinho. É assim é que deve ser! Como os filmes não são feitos para se lhes meter intervalos, geralmente era uma atrapalhação para os colocar, e nem o público ficava satisfeito, nem nós. Nada; intervalos, só no fim dos complementos e a separar dois filmes de grande metragem. Assim é que é.

Últimas opiniões recolhidas nos cinemas de reexibição de Lisboa

O gerente do Paris, declarou-nos:

— Aceito a sugestão do corte do intervalo a meio dos filmes de fundo. Já temos feito isso e o público não se manifestou. Geralmente, porém, mantemos o intervalo a meio do filme-base. Mas, se o quisermos suprimir, tôda a gente aceitará a iniciativa. Não tenha dúvidas: tôda a gente a aceitará.

Do Chiado Terrasse responde-nos Pariente com grande cortezia:

— Na minha opinião pessoal, os filmes são sempre prejudicados com o 2.° intervalo. Como exibidor, direi: muitas vezes há conveniência em mantê-lo, principalmente quando se trabalha em conjunto com outro cinema. Nós, aqui, trabalhamos com o Lys. E, embora seja muito raro cortarmos os filmes, casos há em que, pela fôrça das circunstâncias, somos obrigados a fazê-lo. A norma, porém, é dar-se intervalo no fim dos complementos e outro entre os dois filmes dos nossos programas duplos.

A opinião do gerente do Lys é interessante.

— Como exibidor — disse-nos — tenho que ter em certa consideração os intervalos, visto que trabalho em conjunto com outra sala de espectáculos. E, para que não haja falha na projecção, sou forçado a interromper a meio o filme de fundo. Particularmente, prefiro que a projecção dos filmes seja contínua. É mais interessante. Além disso, diga-se em abono da verdade, os filmes não foram feitos para suportar intervalos a meio...

E reforça a sua opinião pessoal com esta frase:

— Assim é que é!

(Continua no próximo número)

PANORÂMICA

O Dia Nacional do Espectáculo Cinematográfico

Prossegue activamente a preparação do «Dia Nacional do Espectáculo Cinematográfico», a favor das vítimas do ciclone, conforme referimos largamente no último número. Do Grémio Nacional dos Cinemas recebemos uma carta amabilíssima, em que nos é comunicada a mais inteira adesão moral à generosa ideia que tão gostosamente apoiâmos.

Também nos comunicou o mesmo Grémio a cópia duma outra carta, enviada ao Grémio Nacional dos Distribuidores de Filmes, em que se sugerem e preconizam várias coisas, a saber:

1.º — Solicitar o apoio de tôda a imprensa portuguesa, para que a manifestação tenha «o carácter duma festa da família cinematográfica, sem exclusivismos que restrinjam ou reduzam a amplitude nacional que a ideia deve ter».

2.º — Criar uma Comissão Central em Lisboa e várias Comissões Regionais em todo o país.

3.º — Conseguir a «supressão das despesas que habitualmente oneram os espectáculos e são designadamente as dos impostos cobrados pelo Estado, energia eléctrica, bombeiros e impostos municipais, polícia, transporte de programas, pessoal dos cinemas, publicidade e impressão de bilhetes».

4.º — «Lembra que, desde que tais despesas não sejam suprimidas, a sua importância, mesmo reduzida, deve ser descontada no produto liquido de tais festas».

Com as duas primeiras concordâmos inteiramente. Com a terceira, parece-nos não ser necessário tanto, mas sim apenas todos os impostos, o transporte dos programas, a polícia, os bombeiros e a publicidade. O pessoal seria pago, mas o que ganhassem nesse dia seria entregue integralmente para juntar ao produto dos bilhetes. E não supomos que haja que ficar a dever favores às companhias de electricidade ou às tipografias para se poder levar a efeito o festival. Quanto à quarta sugestão, discordamos inteiramente, pois a fazer-se tal desconto, a contribuïção dos cinemas ficaria reduzida à cedência dum espectáculo em que, em condições normais, poderiam inclusivamente perder dinheiro.

A não ser que ganhem sempre e a gente não saiba.

Tintas

Parece que alguns leitores mais jovens ou mais despreocupados desconhecem um facto de que, no entanto, se fala todos os dias em todos os jornais: estamos em plena guerra. E fazer um semanário em plena guerra para o vender a 1$50 obriga a sacrifícios de tôda a ordem. À cabeça dêsses sacrifícios figuram os sacrifícios gráficos. Devido ao bloqueio à guerra submarina, à restrição de importações, não vem papel, nem tintas, nem nada do estrangeiro em quantidade, com a variedade, a qualidade ou a pontualidade necessárias. A tinta que empregámos no nosso último número, por exemplo, era *a única* que havia em quantidade suficiente no nosso fornecedor actual. Para mudar, neste número, houve que recorrer a misturas improvisadas. Para o próximo — será o que Deus quiser.

É a guerra.

Outros jornais de cinema, filiados em grandes emprêsas gráficas e editoriais, acabaram sem outro motivo para acabar além dessas mesmas dificuldades.

«Animatógrafo» não acaba — *porque não quere acabar* e entende que *não deve* acabar.

Mas precisa do apoio *consciente* dos seus amigos e leitores. E êsse apoio deve começar pela compreensão do momento e dos sacrifícios que êle impõe *a todos*.

Assuntos «tabús»

O nosso querido amigo Augusto da Costa escreve-nos uma espirituosa carta, em que nos pede esclarecimentos sôbre o eco que publicámos àcêrca do seu livro «Os Sete Pecados Mortais da Vida Nacional». Pede-os com a maior bonomia e delicadeza, diga-se desde já. Mas interpretou, decerto por insuficiência de redacção nossa, certa frase publicada, num sentido tão contrário ao que lhe demos que nos cumpre esclarecê-la prontamente.

Louvámos a coragem de A. da C. por «abordar assuntos tabús».

Não queríamos dizer com isso que o cinema era assunto *tàbú*, «Sylva Exhotérica para Raros, apenas», nem discutimos a outros que não sejam técnicos o direito de abordá-lo. Referíamo-nos à discussão corajosa dos *pecados*, (aos do cinema e aos outros), que os indiferentes e os cobardes, ao contrário do Autor, se furtam a discutir, pois tais estadeios de verdades claras não são de molde a atrair simpatias, antes acarretam sôbre os que as proclamam (os profanadores do *Tàbú*...) tôda uma série de contrariedades.

Daí o nosso louvor, que nada tinha de irónico.

Mas quisemos dizer que, independentemente da louvável e desassombrada *atitude*, sabíamos não serem exactas certas *explicações* dadas e que discordávamos de certas *soluções* propostas.

Quanto ao desenvolvimento necessário dêste nosso ponto de vista, tenha A. da C. paciência: ainda não dispomos hoje de espaço nem de tempo para o fazer, consoante prometemos — e cumpriremos.

Em defesa das obras-primas

«Animatógrafo» não depende de nenhuma emprêsa, grande ou pequena, cinematográfica ou editorial. Nasceu pela vontade de uma só pessoa e pelo apoio incondicional de muitas outras, tôdas as quais lhe têm prestado e prestam a mais decidida e franca colaboração — com o seu trabalho na redacção, pelo seu desinterêsse na propaganda, pelo seu cuidado na realização gráfica, pela regularidade com que anunciam nas nossas páginas. Em cada redactor, desenhador, fotógrafo, gravador, tipógrafo, compositor, impressor, distribuidor ou exibidor, «Animatógrafo» orgulha-se de contar com um amigo.

Supomos dever tão invejável favor ao fim que realmente nos propuzemos: servir o Cinema, a Cinematografia em si mesma, por que a amamos e a temos por muito valiosa e útil.

Cumpre-nos não recuar portanto perante coisa alguma que possa servi-la nos seus interêsses profundos, como Arte e como Espectáculo (o que não é bem a mesma coisa) tomando tôdas as atitudes, por menos cómodas que sejam, e tôdas as iniciativas, por mais arriscadas.

Decidiu assim fazer justiça, usando os meios de que dispõe, aos filmes de grande classe, às obras-primas indiscutíveis que forem recusadas pelos exibidores a pretexto de não serem «comerciais».

Note-se bem que semelhante atitude não é tomada «contra» os exibidores — que têm o pleníssimo direito de recusar um filme que julguem não agradar ao «seu público» — mas sim «a favor» dos referidos filmes, e por conseguinte do Cinema.

Pugnar em defesa das obras-primas cinematográficas é missão natural de qualquer revista cinematográfica que se prese. À primeira vista, poderá parecer portanto que nos enfeitamos com uma coisa corriqueira, sem novidade nem alcance particular.

Mas é que «Animatógrafo» não se limita a escrever artigos, mais ou menos bombásticos, encomiásticos e elásticos sôbre as referidas obras-primas: VAI ÊLE PRÓPRIO APRESENTAR ÊSSES FILMES, DE ACÔRDO COM A FIRMA QUE OS DISTRIBUIR!

Quere dizer: os exibidores recusam determinados filmes que «Animatógrafo» considera obras-primas, dignas de serem apreciadas pelo público cinéfilo. «Animatógrafo», de colaboração com o distribuïdor dêsse filme, toma por conta própria a sua exibição, lança-o como julgar conveniente e procura granjear-lhe o êxito de que é merecedor, pela sua alta categoria. Se acertar — tanto melhor para o Cinema e para todos. Se falhar — fica-lhe a consciência de ter cumprido o seu dever.

Isto não é um simples projecto. O primeiro dêsses filmes já foi escolhido. Distribui-o a Sonoro-Filme, que compreendeu e aceitou o plano audacioso proposto por «Animatógrafo». Intitula-se em português, (e fomos nós que o baptizamos) — «AS MÃOS E A MORTE». É nada mais nada menos que o famoso «Of Mice and Men», encenado por Lewis Milestone, o realizador de «A Oeste Nada de Novo». Interpretam-no Betty Field, Burgess Meredith e Lon Chaney Júnior. Produziu-o Hal Roach, para a United Artists.

No próximo número, dedicar-lhe-emos um artigo especial.

Mas os nossos leitores podem estar certos, desde já, que se trata duma autêntica, duma indiscutível obra-prima.

Tão indiscutível ela é — calculem — que até os exibidores que a recusaram a consideram como tal!

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

A RESSURREIÇÃO DE MARLENE E A REHABILITAÇÃO DOS FILMES DE COW-BOYS



Uma cena de grande realismo que mantém em respeito não só a figuração, mas também o espectador

Da «Princesinha Olálá» à «Cidade Turbulenta» — Das antigas «westerns» de William Shakespeare Hart a «Destry rides again»

Há muitos anos, estreou-se, no Odéon, uma película muda, que se intitulava «A Princesinha Olálá» e que tinha por protagonista certa vedeta, nessa altura tão apreciada como hoje, por exemplo, o é Norma Shearer. Chamava-se ela Carmen Boni e era uma jovem italiana, casada com o director Augusto Genina e que trabalhava muito em estúdios alemães. Aliás, germânica também era essa «Princesinha Olálá», comédia singela, de curto fôlego.

Na noite em que vi êsse filme, impressionou-me particularmente a presença duma jovem artista que, uma ou outra vez, aparecia na acção nas funções limitadas de confidente e conselheira da ingénua. Tinha, essa menina, umas pernas lindas, que generosamente exibia na cumplicidade propositada dum «negligé» espectacular.

À saída, fui pesquizar, nos cartazes, o nome da aliciante adventícia e lá o encontrei em letras quási invisíveis — Marlene Dietrich.

Se bem me lembro, na crítica que então escrevi da «Princesinha Olálá», apontei os dotes da desconhecida e fiz previsões sôbre as possibilidades de a vermos em papéis de maior vulto.

Quando, tempos mais tarde, soube que a «minha» descoberta ia ser a protagonista de um grande filme da Ufa, que se intitularia «O Anjo Azul», impei de satisfação e orgulho pela pronunciada vocação que eu revelara na arte difícil dos Bandarras e Nostradamus.

É verdade que, depois disso, nunca mais profetizei, nem o futuro de outrem, nem o meu...

O que aguardei, com a ardente impaciência dos meus 25 anos cinéfilos, foi a estreia do anunciado «Anjo Azul», e a verdade é que vim entusiasmado, do S. Luiz, encher, no «Cinéfilo», duas colunas de louvores em honra de Marlene Dietrich, sem injustiça, porém, para com a maestria do Jannings, que, desde os tempos da pobre Lya de Putti, vinha sendo a vítima predilecta das vampes de pernas provocantes... Pena a Ufa ter trocado a exibição das meias de sêda pela do caoedal lustroso das botas nazis... Evolução dos tempos, em que a moral talvez tenha ganho, mas onde as bilheteiras ficaram de certo a perder!

Como não podia deixar de ser, a América cobiçou logo a extraordinária Marlene, principalmente aqueles que queriam opôr, à vitoriosa Greta Garbo, uma concorrente de fôrça. Mas pode muito bem haver duas «vamps», de tão forte talento e independente personalidade, que caminhem a par, sem se tocarem nem prejudicar. Greta e Marlene defrontaram-se e saíram ambas vitoriosas num decisivo empate, em que o processo de cada uma se manteve triunfante até que o tempo e a evolução da moda pouco a pouco extinguiu o estilo das mulheres fatais.

Gradualmente, com tal modificação, as pernas famosas e formosas de Marlene foram-se escondendo sob vestidos recatados, e as canções roucas deixaram de se lhe ouvir dos lábios escarlates. Mas, ao mesmo tempo, o público, desinteressado, foi-lhe virando costas, provavelmente aborrecido das últimas películas da estrêla.

Foi então que a Universal teve uma ideia, afinal simples, mas de resultados seguros: Porque se não havia de ressuscitar a Marlène dos triunfais tempos do «Anjo Azul» e de «Marrocos»? O produtor Joe Pasternak, quando tem uma ideia, raras vezes deixa de a pôr em prática. Chamou a artista, que errava, melancòlicamente, em França, à espera de um problemático contrato, deu-a por companheira ao excelente James Stewart e surgiu com êsse espantoso «Destry Rides Again», que resultou o maior êxito dos últimos tempos da América e ratificou o contrato da artista que, logo a seguir, fez «Os Sete Pecadores» e que já começou, dirigida por René Clair, «A Condessa de Nova Orleans».

Nesse mesmo Odéon, em que, há mais duma dúzia de anos, «descobri» Marlene Dietrich, assisti, há poucos dias, à ressurreição da artista, outra vez cantando na sua voz rouca, outra vez exibindo as pernas famosas, outra vez tão exuberante de personalidade e talento como nos seus mais gloriosos tempos.

Aliás, «A Cidade Turbulenta» — o filme que marcou o seu vitorioso regresso—é uma obra absolutamente notável, vivida por artistas esplêndidos, animada por um argumento e uma realização fremente de Cinema e daquela qualidade de estilo que um crítico americano muito ajuizadamente comparou aos melhores «westerns» de William S. Hart.

Depois, «A Cidade Turbulenta» pode muito bem ficar na História da Cinematografia como a rehabilitação de um dos mais cinematográficos dos géneros: a aventura do Oeste, a que o citado William S. Hart dera categoria clássica, mas que uma horda de incultos vaqueiros estragou e banalizou, relegando-o para os sectores mais modestos da indústria. A Universal, com «A Cidade Turbulenta», iniciou auspiciosamente essa campanha de engrandecimento artístico das «westerns». Marlene Dietrich e James Stewart, com a categoria dos seus nomes, atraíram, para o género, os cinéfilos elegantes da Broadway, que vieram de lá entusiasmados com a excelência geral do filme. A seguir, Kay Francis, é colocada, pela mesma Universal, à cabeça do elenco de «When the Daltons Rodes». Depois, chega a vez de Franchot Tone vestir a blusa de «cowboy», em «Trail of the Vigilantes». O género está decisivamente rehabilitado e oferecendo, a todos os sectores do público, condições de espectáculo e interêsse que ninguém suspeitaria nêle existirem.

Vejam «A Cidade Turbulenta» e digam-me se isto não é verdadeiro. — JOSÉ GASPAR.



Misha Auer, o famoso cómico, tão querido das nossas plateias, tem uma excelente criação na «Cidade Turbulenta»

CINEMA PORTUGUÊS

PUBLICIDADE & PUBLICIDADE

Transcreve-se um curioso artigo do «orgão quinzenal dos cinéfilos das Picôas»

Conhece o leitor «O Mundo Cinematográfico»? Pois é um jornal português, que conta vinte e dois números e se publica de quinze em quinze dias. Escrito à pena, em duas fôlhas de papel almaço, tem uma tiragem notável, que bem demonstra a beneditina paciência do seu corpo de... tipógrafos: nada menos de doze exemplares! Pois, neste quinzenário, encontrámos, a páginas 7 do seu número de 13 de Fevereiro, um artigo assinado por A. B. (um dos directores do interessante «órgão quinzenal dos cinéfilos das Picôas») e que vamos, com a devida vénia, transcrever, porque fica bem nesta secção de «Cinema Português» e porque concordamos com a doutrina exposta.

O artigo intitula-se:

O valor da publicidade

«Muito se tem dito e muito se dirá, por certo, do valor da publicidade na apresentação dos filmes. Esta publicidade, feita por pessoas inteligentes, tanto é apreciada nos brilhantes anúncios dos jornais e revistas, como nos cartazes gigantescos e fantásticos colocados nos tapumes e espersos pelas ruas e vitrines.

«Mesmo no cinema, a propaganda é eficiente, quer nos «trailers», movimentados e sensacionais, quer pelos pequenos e interessantes livretos ou programas distribuídos ao público».

O povo, como sempre, impressiona-se com facilidade por todo êste brilhantismo e muitas vezes sem motivo algum. Sim! porque nem sempre a propaganda está na razão directa do valor dos filmes. Películas horríveis e baratas têm conseguido aceitação sòmente porque tiveram reclamo eficiente.

O espectador nunca sabe ao certo qual o filme bom ou mau que corre no momento. Todos êles são «o melhor do ano», o «mais sensacional», «o mais grandioso», o filme «como nunca se viu», o filme que «faz rir até às lágrimas», o «mais emocionante», etc., etc.... Só o valor dos artistas ou o nome do director podem ser garantia da qualidade do filme.

E pensem os publicistas no seguinte: é que os exagerados adjectivos que agora usam acabarão por virar-se contra êles, porque o público acabará por aborrecer-se, ao ver-se sucessivamente enganado e a freqüência das salas ressentir-se-á...

A. B.

Na nossa vida profissional já nos coube tratar de publicidade cinematográfica junto de distribuidores e exibidores. E condenámos sempre — sempre! — o critério por êles empregado e que atordoa e enfada o público. Prova evidente de que a adjectivação e as grandes frases acabaram por causar desconfiança está no facto, bem conhecido, de certo cinema da capital se ter, em tempos, ressentido do abuso. O público leu frases bonitas de publicidade barata e apanhou uma série de filmes fracos. Retraiu-se perante a ousadia. A publicidade redundou em contra publicidade pois vinha a encobrir a fraqueza da produção.

Quem acompanha o sistema de propaganda dos filmes no estrangeiro sabe como esta é orientada, com inteligente sobriedade de palavras e judicioso emprêgo de «slogans» — quando convém.

O público, de facto, ao negar nos nossos jornais, já não sabe distinguir a verdade, nem apurar quel é o filme que mais lhe interessa. Os franceses publicavam apenas o título do filme e os nomes do realizador e dos protagonistas. Na Alemanha, quando um jornal anunciava «um filme extraordinário! o filme mais emocionante» já se sabia tratar-se duma obra inferior que deixava as casas às moscas.

O problema da publicidade dos filmes exige tacto, requere inteligência e um gande sentido comercial, sem falsear a verdade.

De facto, ninguém corre atrás de adjectivos banalizados. O público vai só atrás, do género do filme, do nome do realizador e dos artistas. Ora, quantas vezes, leitores, falha exactamente, na publicidade diária, um ou alguns dêstes elementos que são, valha a verdade, os únicos que interessam a todos nós!

MOTA DA COSTA

P. S. — Agradecemos a «Astro 44» a sua gentilíssima carta. A referência que notou num dos nossos últimos artigos não lhe dizia respeito, evidentemente. Não confundamos. «Astro 44» merece-nos tôda a consideração. Aceite, pois, os nossos cumprimentos e escreva sempre, que só nos dará prazer. — M. da C.

VER OUVIR... E FALAR

Há aspectos do nosso cinema que nunca são demais tratados em letra de forma. Um dêles é o caso de se ouvir às vezes qualquer produtor afirmar que está disposto a ir trabalhar no estrangeiro, porque as condições que encontra no Lumiar não lhe convêm.

Nos nossos dias tôda a manifestação de arte está, quási sempre, unida a um factor económico. É um facto lògicamente imposto pelas características da vida actual. No mundo cinematográfico — nesse mundo em que se agitam milhões — é onde mais se acusa essa estreita relação entre o factor económico e o factor artístico.

Recordemos, por exemplo, aquela etapa do cinema falado na nossa língua que se fez em Joinville, por iniciativa da Paramount. A razão verdadeira daquelas películas estava no seu assegurado êxito junto do público — o público que fala português e que se espalha até o Brasil imenso. Servir êsse público extensíssimo com uma série de fitas no idioma que nos é familiar podia converter-se num negócio esplêndido. Assim o económico se aliava ao artístico.

O assunto tem, de novo, actualidade, a propósito da nossa produção. A importância do aspecto comercial no cinema acentua-se, agora mais do que nunca, em tôda a parte.

Evidentemente, que a produção de filmes é uma das maiores indústrias do nosso tempo. É daquelas que agitam maior número de recursos e das que significam mais considerável fonte de lucros. Temos, portanto, a nosso favor como base de expansão, êsse mercado de milhões de sêres — os mesmos que a produção saída há anos de Joinville pretendia conquistar. Esta é uma das grandes razões que aconselha, àparte o que poderíamos chamar razões políticas, de orgulho nacional, de desejo de afirmação lusíada, que a produção falada em português seja filmada em Portugal e por entidades portuguesas.

Frente a esta indestrutível realidade, fácil é pensar quão prejudicial poderá ser se algum dia se vierem a produzir filmes falados no nosso idioma, lá fora. Mas as contrariedades que daí possam vir também devem ser pensadas pelos dirigentes da parte técnica do cinema nacional. A produção portuguesa feita noutros estúdios mesmo por entidades nacionais significa um prejuízo enorme para a nossa economia e, sobretudo, para o desenvolvimento da nossa indústria.

AUGUSTO FRAGA

FAÇAM-SE programas úteis !

Muitos leitores queixam-se-nos da inutilidade de certos programas que lhes vendem nos cinemas. Ainda se fôssem gratuitos — dizem êles — vá que não vá! Não havia reclamações a fazer, mas pagar por cinco tostões quatro páginas de anúncios ou de papel em branco é francamente caro.

Entende-se por programa um documento que elucide o espectador não tanto sôbre o espectáculo — porque êsse já êle sabe qual é — ou sôbre a ordem do mesmo — que êle também conhece — mas a respeito dos vários elementos que colaboraram para êsse espectáculo. O programa — como fazem alguns cinemas da capital, embora poucos, deve reünir elementos úteis.

Não nos parece difícil os cinemas interessarem-se pela resolução dum assunto importante para o público e que não lhes dá mais trabalho ou despesa.

Revelação sensacional duma nova menina-prodígio



JANET CHAPMAN

uma actrizinha de 4 anos que representa a valer

Desde que nasceu, por obra e graça de meia dúzia de sujeitos audaciosos e precursores — os homens que, afinal, fundaram o cinema americano — Hollywood nunca mais descansou, nunca mais adormeceu sôbre os loiros conquistados — os loiros e os dólares. Com o frenesim e a regularidade duma metralhadora, Hollywood «bombardeia» o Mundo constantemente com novas descobertas: novas estrêlas, novos fenómenos, novos talentos, novos meninos-prodígios — constantes innovações que ela própria devora insaciàvelmente, impiedosamente.

A última grande descoberta de Hollywood foi a de uma nova menina-prodígio :Janet Chapman — émula e sucessora de Jackie Coogan, de Tommy Kelly, de Shirley Temple, de Ann Gillis, que vai também encantar tôda a gente e tornar-se célebre, de Polo a Polo, como os seus famosos antecessores.

Janet Chapman é um cotomiço dos seus quatro anos que não deve nada à formosura, com as suas pernitas magrizelas, o seu ar franzino e a sua carita esgrouviada. Não é bonita — mas, é melhor que bonita, irradia simpatia, como talvez só o «miúdo do Charlot» irradiava, nos bons e velhos tempos em que Chaplin o revelou ao Universo inteiro.

Um olhar extraordinário...

Janet Chapman tem principalmente um olhar extraordinário, penetrante e magoado, um olhar mendigo de ternura, infinitamente doce e absolutamente irresistível. Ninguém pode ficar insensível ao apêlo patético dos seus expressivos olhos claros. É neles que está o grande segrêdo da sua vitória. Mas Janet Chapman dispõe ainda de outros recursos físicos invulgares: a sua vòzita aguda e carinhosa, a expressão do seu palminho de cara que uma cabeleira loira e rebelde emoldura...

O talento gigante duma pequena actriz

A expressão do seu palminho de cara... Chegou a vez de falar no pasmoso talento de actriz dessa pequenota de quatro anos, talento inverosímil, daqueles que só se podem avaliar uma vez vistos. Janet Chapman representa sem esfôrço, com admirável espontaneidade, como o Tommy Kelly ou a Ann Gillis de «As Aventuras de Tom Sawyer». Faça o que fizer, dizem os críticos americanos, tem sempre um ar natural, sóbrio, cheio de frescura. Nunca aparenta o impossível e irritante complexo de artificialismo e cabotinismo, tão peculiar em certas vedetas de palmo e meio. Mas, além da sua naturalidade impressionante, a encantadora Janet representa como gente grande, queremos dizer: com perfeita compreensão, com absoluto domínio de efeitos, com emotividade disciplinada por uma inteligência que parece «adulta» se nos permitem esta expressão tão corrente nos americanos.

Provas de exame

No seu primeiro filme «Little Miss Thouroughbred» (A Menina da Sorte), segundo lemos nas revistas americanas da especialidade, Janet presta provas absolutamente definitivas. Quer nas cenas patéticas, quer naquelas em que tem de manifestar alegria, Janet porta-se como uma actriz consumada. «A sua interpretação — escreve um crítico de renome — tem a segurança que só os artistas com uma longa carreira conseguem aparentar, e vai direita como uma flecha ao coração dos espectadores. Tal como o velho juiz que a interroga, ninguém normalmente constituído é capaz de ficar indiferente a certa transição do desespêro mais amargurado para a radiosa alegria — transição que êsse dez réis de gente completa, no mesmo plano, com verdadeira mestria «histriónica». A transcrição foi longa, mas eloqüente.

A caminho da glória

A fotografia que ilustra esta página dá já uma ideia da personalidade de Janet Chapman; permite principalmente avaliar o seu enorme poder de simpatia. Mas os nossos leitores poderão dentro em breve completar a impressão hoje formada, pois devemos receber dentro de dias mais fotos da nova estrelinha, que não deixaremos de reproduzir em «Animatógrafo», visto que, pelo que lemos na imprensa corporativa norte-americana, o caso de Janet Chapman é daqueles que merecem a maior atenção, quer debaixo do ponto de vista artístico quer sob o aspecto comercial.

A última grande descoberta de Hollywood é, como frizámos acima, uma menina-prodígio. Não se entenda, porém, menina-meteoro, destas que aparecem mercê de talento, mas sim uma artista real, cheia de qualidades positivas e que o trabalho, o estudo e a perseverança podem desenvolver e aperfeiçoar.

Janet Chapman surge no cinema no momento exacto em que êste necessitava de talentos precoces.

Os produtores de Hollywood contrataram-na com a certeza de que ela não provocará desilusões. A espectativa vai ser satisfeita no nosso país.

De facto, tudo indica que a nova descoberta de Hollywood vai dentro em breve ser uma celebridade mundial. — A. M.

NOVA TRANSFORMAÇÃO DE Ginger Rogers

A vedeta-Fregoli mais excepcional e apreciada pelo nosso público volta a encantar-nos com uma interpretação magistral



Ginger, a vedeta-Fregoli... Concordam?

Claro que sim. Vimo-la em «Gold Diggers» — num velho «Gold Diggers» — ainda corista. Depois dançou com Fred Astaire e foi célebre. Tentou o drama em «Porta das Estrêlas» e foi genial. Fez rir em comédias graciosas como «Mãesinha à fôrça» e «Sorte Grande». Depois, experimentou descer ao «bas-fonds», à vida sombria, em «Sombra da rua». Finalmente, vamos vê-la cantar um hino às «raparigas de colarinho branco», no filme «Kity».

Ginger tem sido uma actriz insuperável e que conseguiu, mercê de muito trabalho e tenacidade, apagar ou diminuir artistas consideradas únicas e insubstituíveis como — citemos um exemplo — Katherine Hepburn.

A sua vida artística é um exemplo excepcional de luta e de perseverança.

* * *

Os próprios cabelos de Ginger Rogers partilham da característica fregoli. Êles têm sido loiros, ruivos, pretos, consoante a sua dona transita de género e muda de personalidade.

Actriz de revista, mãe improvisada, sombra da rua — Ginger tem sido tudo, na tela. Faltava-lhe incarnar uma dactilógrafa e viver uma dessas humildes odisseias da rapariga que entra às nove para um escritório donde sai às seis, já com o sol escondido por detrás dos telhados.

«Kitty Foyle»—«Kitty, a rapariga do colarinho branco» — é um romance excepcional, assinado por Christopher Morley. Devido ao seu êxito invulgar nos Estados Unidos, a RKO decidiu adquirir os direitos e levar a obra à tela. «Kitty Foyle» é considerado, além-Atlântico, como «The natural history of a woman». O seu tema e a sua acção forneceram matéria admirável para um filme curiosíssimo — um filme no género daqueles que Ginger aprecia interpretar. Em «Kitty, a rapariga do colarinho branco» há de tudo: alegria, mocidade, amor e emoção.

Há também uma surprêsa para o espectador. Como poderemos ver na fotografias que ilustram esta página, Ginger Rogers apresenta-se, no seu novo filme, em duas idades: no fim da menines e em plena adolescência!

* * *

Comparem estes dois retratos e vejam a diferença existente! É a mesma actriz, como os mesmos olhos, os mesmos cabelos... Dir-se-ia nada ter mudado neste rosto. Dir-se-ia que por êle não passou o pincel do caracterizador mas sim o tempo, e que foi o tempo o causador desta transformação miraculosa. Um dos atractivos dêste filme é exactamente o facto de Ginger Rogers nos aparecer em duas idades.

Trabalho difícil, mas de que Ginger se salva com espantosa facilidade.

* * *

«Kitty, a rapariga do colarinho branco», é uma história muito à feição de Ginger, a «estrêla» que tem, muitas vezes, o privilégio de escolher os argumentos dos seus filmes.

Nesta nova produção que a Rádio-Filmes adquiriu para Portugal, teremos, a par de cenas repassadas de bom humor e muitas de grande e fina comicidade, cenas, dum dramatismo forte e humano, muito ao gôsto das nossas platéias um tudo-nada sensíveis e românticas.

A comédia prende a atenção do espectador que fica, desde logo cativado pelo interêsse da história e pela beleza e são talento que se desprende de Ginger Rogers.

A «história natural duma mulher» constitui um momento de mocidade e de emoção no cinema contemporâneo. E, já que admirámos a Ginger, a talentosa Ginger, em papéis tão dispares e curiosos, de certo gostaremos de a ver incarnando uma menina de colarinho branco («white collar girl») igual a milhares de meninas de colarinho branco que ganham a sua vida na América.

A história — que não nos cumpre desvendar — é de facto, «natural». Tão natural que, por isso mesmo, tem as duas facetas da vida: o riso e a tristeza.

Que, não julguem ir chorar como vides diante de Ginger Rogers. Tudo se passa num ambiente agradável e discreto. Apenas uma ligeira emoção passa de quando em quando.

O público julgará.

* * *

«Kitty, a rapariga do colarinho branco» conta-nos uma história comevedora. É a vida duma «dactilo» empregada num estabelecimento de cosméticos. Não divulguemos o entrecho. Basta assegurar o seu alto interêsse e o cuidado com que êle foi aproveitado cinematogràficamente.

A realização foi confiada a Sam Wood, que trabalhou sôbre planificação de Dalton Trumbo, com diálogos de Donald Ogden Stewart. A fotografia, que é de grande beleza, tem a assinatura de Robert de Grasse (A. S. C.) e a direcção artística correu entregue a Van Nest Polglase.

O elenco tem categoria. Além de Ginger Rogers, que está cada vez mais surpreendente, encontramos nomes conhecidos de artistas de cartaz — conquanto não andem nos albuns dos autógrafos dos melhores cinéfilos — como Dennis Morgan, James Craig, Eduardo Ciannelli, Ernest Cossart, Gladys Cooper, Odette Myrtil, Mary Treen, Cecil Cunningham e Florence Bate.

«Kitty, a rapariga do colarinho branco» está destinado a um êxito sem igual.

De facto, as críticas americanas exaltam êste filme que consideram adorável e amoroso. O assunto provocou discussão nos Estados Unidos, onde o problema das dactilógrafas está na ordem do dia.

O público recebeu «Kitty Foyle» com desusado entusiasmo e chegou a esta conclusão, que, estamos certos, será a mesma a que chegará o leitor quando vir esta comédia que a Rádio-Filmes vai apresentar brevemente:

Ginger Rogers é a actriz mais versátil, e a mais completa, que tem aparecido nas telas. Interpreta tão bem um papel de bailarina como incarna uma personagem dramática ou cómica. Já nos fez rir e já nos fez chorar. Em «Kitty, a rapariga do colarinho branco», que a Rádio-Filmes traz a Portugal, vê-la-emos espiritual e romântica dando-nos cenas em que se demonstra cabalmente o seu extraordinário talento de artista.

A vedeta-Fregoli volta às nossas telas.

O público deve aplaudir não só o seu trabalho, mas também essa nobilíssima figura de mulher que, por amor à Arte e à sua profissão, tem lutado incansàvelmente para cumprir a máxima de Goethe: «Quero sempre subir mais alto, quero sempre olhar mais longe...»

A. M. V.

OS CANDIDATOS AOS PRÉMIOS DA

"Animatógrafo" publica em primeira mão a LISTA COMPLETA

Podemos dar aos nossos leitores a lista completa dos candidatos aos prémios anuais da Academy of Motion Pictures Artes ond Sciences (Academia das Artes e Ciências Cinematográficas), de Hollywood, sem dúvida os mais famosos de todos os que, por êsse mundo fora, se atribuem —incluindo a própria Taça e as Medalhas do «Animatógrafo»...

A Academia tem passado por algumas *crises* que tornam discutíveis os resultados. Mas a mecânica ùltimamente adoptada parece ter expurgado alguns *indesejáveis*. Não discutimos, no entanto, e limitamo-nos a transcrever a «lista oficial», que nos tem sido parcelarmente comunicada, por via directa.

Também não fazemos quaisquer prognósticos, pois a grande maioria dos filmes que figuram na lista ainda não foram vistos por nós. Mas não deixaremos de fazer alguns comentários, que nos parecem oportunos.

OS CANDIDATOS AO MELHOR FILME

São dez os candidatos nomeados para o título de «O Melhor de 1940», que se enumeram por ordem alfabética de títulos originais:

— **«All this and Heaven too»** (Warner).
— **« Foreign Correspondent »** (United Artists).
— **«The Grapes of Wrath»** (Fox).
— **«The Great Dictator»** (U. A.).
— **«Kitty Foyle»** (RKO).
— **«The Letter»** (Warner).
— **«The Long Voyage Home»** (U. A.).
— **«Our Town»** (U. A.).
— **«The Philadelphia Story»** (M. G. M.).
— **«Rebecca»** (U. A.).

Dêstes filmes, só vimos até hoje em Portugal, «Rebecca». Vamos ver brevemente «The Long Voyage Home» (Tormenta a bordo) e «Kitty Foyle» (Kitty, a Rapariga do Colarinho Branco), apresentados pela Sonoro e pela Rádio-Filmes. Anuncia-se para esta época «Foreign Correspondent» (Correspondente de Guerra), da Sonoro. Dos restantes serão exibidos durante a próxima temporada, à excepção de dois, que não têm probabilidades de exibição: «The Great Dictator» e «The Grapes of Wrath». «Our Town», que foi recusado por um dos nossos primeiros cinemas, talvez agora tenha possibilidades...

Alfred Hitchcock e John Ford têm a honra de ver figurar na lista dois dos filmes que dirigiram: «Rebecca» e «Correspondente de Guerra», o primeiro, «Tormenta a Bordo» e «The Grapes of Wrath», o segundo.

Não se deve estranhar que na lista dos candidatos não figure «Wuthering Heigbts» (O Monte dos Vendavais), premiado com a Taça do «Animatógrafo», pois êsse filme foi produzido em 1939. Figurava portanto na lista dos candidatos ao prémio do ano passado, tendo sido batido por um filme a côres ainda não exibido entre nós: «Gone with the Wind».

É curioso notar que todos os candidatos dêste ano são filmes fotografados a preto e branco.

OS CANDIDATOS À MELHOR REALIZAÇÃO

São cinco, dos quais vimos em Portugal apenas um:

— **John Ford** pela realização de «The Grapes of Wrath».
— **Sam Wood** pela realização de «Kitty Foyle».
— **William Wyler** pela realização de «The Letter».
— **George Cukor** pela realização de «The Philadelphia Story».
— **Alfred Hitchcok** pela encenação de «Rebecca».

Qualquer dêstes merece, seguramente, o honroso título de «melhor realizador de 1940.

OS CANDIDATOS AO «MELHOR ACTOR DO ANO»

São também cinco, como o decidiu a nova fórmula da Academia. Damo-los por ordem alfabética de apelidos:

— **Chales Chaplin** em «The Great Dictator».
— **Henry Fonda** em «The Grapes of Wrath».
— **Raymond Massey** em «Abe Lincoln in Minois» (RKO).
— **Laurence Olivier** em «Rebecca».
— **James Stewart** em «The Philadelphia Story».

Não podemos deixar de estranhar que se não tenha candidato Charles Laughton pela sua extraordinária interpretação em «O Outro» (They Knew what they wanted), e que é, pelo menos, superior à única das interpretações candidata as que vimos em Lisboa. Leslie Howard, premiado por «Animatógrafo», foi

As primeiras imagens do filme português

«MARIA DA FONTE»

DE LEITÃO DE BARROS



Quem parte leva saüdades, quem fica saüdades tem... ¿Uma diligência que chega, ou uma diligência que parte?



Uma das primeiras cenas filmadas foi, num cenário magnifico dum largo antigo, uma impetuosa carga de cavalaria

Damos hoje, em primeira mão, duas fotografias de cenas do filme «Maria da Fonte», que Leitão de Barros principiou há dias a dirigir. Trata-se duma primeira volta de manivela — e como tal arquivamos com satisfação êstes documentos — a que se não seguirá tão cêdo a segunda volta de manivela, pois Leitão de Barros vai agora tratar doutra produção, «Ala, arriba», a que «Animatógrafo» deu já todo o relêvo que merece. «Maria da Fonte», cujas primeiras cenas filmadas se desenrolam no cenário maravilhoso do Bairro Comercial da Exposição de Belem, só deve voltar à baila no fim do ano, no dizer do seu realizador. Todo o material que serviu às cenas registadas — e em que intervieram soldados de cavalaria e centenas de figurantes — ficou à guarda da Tobis Portuguesa, para servir mais tarde, quando «Maria da Fonte» entrar nos estúdios. Estas fotografias documentam o leitor sôbre o filme há dias principiado. Nêle encontramos as características habituais dos filmes de Leitão de Barros que lhe deram maior popularidade.

Lamentamos, a propósito, certos factos ocorridos com a figuração, durante as filmagens efectuadas em Belém, e fazemos notar que o problema da figuração não pode ser resolvido de ânimo leve — tanto no interêsse dos produtores, como no dos figurantes. Logo que o nosso cinema tenha, como esperamos, carácter de indústria contínua, é indispensável que a figuração seja recrutada por intermédio do único organismo susceptível de o fazer satisfatòriamente, e que é o Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema.

ACADEMIA CINEMATOGRÁFICA DE HOLLYWOOD

candidato em 1939, tendo sido batido por Robert Donat, em «Adeus, Mister Chips».

AS CANDIDATAS À MELHOR INTERPRETAÇÃO FEMININA

Cinco também, e tôdas de fôrça:

— **Bette Davis** em «The Letter».
— **Joan Fontaine** em «Rebecca».
— **Katherine Hepburn** em «The Philadelphia Story».
— **Ginger Rogers** em «Kitty Foyle».
— **Martha Scott** em «Our Town».

Se estranhamos a ausência de Laughton, mais temos que estranhar — e até nos indigna! — a ausência de Greta Garbo entre as candidatas, pela sua interpretação em «Ninotchka». Mas conhecemos o bastante a *cozinha* da Academy of Motion Pictures Arts and Sciences, para que o caso se não explique por motivos alheios à justiça pura e simples... Já em 1937 Greta Garbo foi preterida por uma actriz inferior: Louise Reiner, sôbre a qual já ninguém consciente hoje tem ilusões. A interpretação de Garbo em «Margarida Gautier» (Camille) não podia comparar-se sequer à de Rainer na «Terra Bendita», pois a O-han seria bem interpretada por qualquer outra boa actriz e a «Dama das Camélias» encontrou na protagonista de «Ninotchka» a sua intérprete ideal.

CANDIDATOS ÀS INTERPRETAÇÕES SECUNDÁRIAS

Os seguintes actores:

— **Albert Basserman** em «Correspondente de guerra».
— **Walter Brennan** em «The Westerner» (A Última Fronteira, da United Artists-Sonoro, que veremos brevemente).
— **William Gargan** em «O Outro» (RKO).
— **Jack Oakie** em «The Great Dictator».
— **James Stephenson** em «The Letter».

Actrizes:

— **Judith Anderson** em «Rebecca» («Animatógrafo» não protesta, mas não percebe tal candidatura).
— **Jane Darwell** em «The Grapes of Wrath».
— **Ruth Hussey** em «The Philadelphia Story».
— **Barbara O'Neill** em «All this and Heavent Too».
— **Marjorie Raimbeau** em «Primorose Path» (Sombras da Rua, da RKO).

ARGUMENTOS, ADAPTAÇÕES E PLANIFICAÇÕES

Êste ano, a Academia quis distinguir separadamente, não só os argumentos originais pròpriamente ditos, das planificações baseadas ou não em argumentos originais, como já fazia, mas aqueles e estas das planificações originais.

Os candidatos são os seguintes:

ARGUMENTISTAS — Benjamin Glazer e John S. Toldy, por «Arise My Love», da Paramount.
— Walter Reisch, por «Comrade X», da M. G. M.
— Dore Schary e Hugo Butler, por «Edison the Man» (M. G. M.).
— Bella Spewack, Samuel Spewack e Leo Mc Carey, por «My Favorite Wife» (Minha Mulher favorita), da Rádio Filmes.
— Stuart N. Lake, por «The Westerner» (A Última Fronteira).

ADAPTAÇÕES CINEMATOGRÁFICAS, independentemente de serem feitas a partir de material publicado ou de argumentos originais de outro autor ou autores:
— Nunally Johnson, por «The Graper of Wrath».
— Dalton Trumbo, por «Kitty Foyle».
— Dudley Nichols, por «Tormenta a Bordo».
— Donald Ogden Stewart, por «The Philadelphia Story».
— Robert Sherwood e Joan Harison, por «Rebecca».

PLANIFICAÇÕES ORIGINAIS:
— Ben Hecht, por «Angels over Broadway (Columbia).
— John Huston, Heinz Herald e Norman Burnside, por «Dr Ehrlich's Magic Bullet» (Warner).
— Charles Bennett e Joan Harrison, por «Correspondente de Guerra».
— Carles Chaplin, por «The Great Dictator».
— Preston Sturges, por «The Great MacGinty» (Paramount).

AS MELHORES DECORAÇÕES

A preto e branco: «Arise My Love», «Arizona», «Boys from Syracuse», «Dark Command», «Foreign Correspondent», «Lilian Russell», «*Minha Mulher Favorita*», «*Meu Filho e meu Rival*», «Our Town», «Pride and Prejudice», «*Rebecca*», «The Sea Hawk», «The Westerness».

A côres: «Bilter Sweet», «*Sinfonia dos Trópicos*», «North West Mounted Police» (Os Sete Cavaleiros da Vitória) e «The Thief of Bagdad» (O Ladrão de Bagdad).

(Compusemos em itálico os filmes que já vimos nos cinemas portugueses).

A MELHOR FOTOGRAFIA

A preto e branco: «Abe Lincoln in Illionois», «All This and Heaven Too», «Arise my Love», «Boonutown» (M. G. M.), «Foreign Correspondent», «The Letter», «The Long Voyage Home», «Rebecca», «Spring Parade» (Universal), «Waterloo Bridge» (M. G. M.).

A côres: «Bitter Sweet», «*O Pássaro Azul*», «*Sinfonia dos Trópicos*», «Os Sete Cavaleiros da Vitória», «A Passagem de Noroeste», «O Ladrão de Bagdad».

O MELHOR SOM

«Arizona», «Behind the News», «Captain Caution», «Grapes of Wrath», «Howards of Virginia», «Kitty Foyle», «North West Mounted Police», «Our Town», «The Sea Hawk», «Spring Parade» e «Strike up the Band» são os filmes candidatos ao prémio para o melhor registo de som.

Tanto êste como os restantes prémios técnicos (Decorações, Fotografia, etc.) são conferidos por comissões de especialistas em que estão representadas tôdas as firmas que tomam parte no concurso, e votadas por todos os chefes da respectiva especialidade (chefes-operadores, directores artísticos, directores-de-som, etc.).

Na votação tomam parte, ao todo, 12.000 votantes, todos êles profissionais de Cinema empregados em Hollywood. Só os filmes exibidos na área de Los Angeles em 1940 e que somam 496 podem ser votados. Os filmes são propostos pelas próprias firmas produtoras, que elas próprias eliminam os que não têm possibilidades. Mas os eleitores podem votar filmes, artistas ou técnicos não candidatos. O secretário da Academia, que preside ao banquete no Biltomore Hotel em que se proclamam os resultados, é o produtor e realizador Mervyn Le Roy.

OS COMPLEMENTOS

É muito longa para que a transcrevamos, a lista dos candidatos aos filmes curtos, habitualmente chamados «complementos». Um facto porém é interessante destacar: Walt Disney, o mago dos desenhos animados, não concorreu êste ano com nenhum dos seus filmes, por não ter sido aceita a candidatura de «Fantasia», a sua última produção. A razão invocada foi não ter sido estreada na área de Los Angeles, devido ao facto de necessitar uma aparelhagem sonora especial, pois o som foi gravado numa «pista sonora» *tríplice*, ao passo que a pista sonora normal é simplesmente dupla. Disney afinou com a história e negou-se a apresentar qualquer candidato.

Dos desenhos animados sujeitos a concurso «Milky Way» (Leitaria Celeste), que vimos no São Luiz, tem muitas probabilidades.

Talvez seja possível dar ainda neste número, em última hora, os primeiros resultados, recebidos telegràficamente da América.

A inauguração do novo laboratório da ULYSSEA-FILME



O presidente do Sindicato N. dos Profissionais de Cinema dá o impulso inaugural à máquina da Ulyssea-Filme, nas suas novas instalações. No próximo número daremos o relato dessa festa

NOTICIAS DA EUROPA

A guerra actual, que na Europa tem lançado a perturbação no seio de variadíssimas actividades, que paralizou totalmente determinadas organizações industriais, não colheu aida nas suas malhas o cinema, tendo-o, muito pelo contrário, utilizado quer como elemento de propaganda de valor insubstituível; já como fixador frio, sereno e desapaixonado de acontecimentos que mercê dêle, vão ficar como documentos de incalculável preço para a história tumultuosa do nosso tempo.

Em Denham e Pinewood, na Inglaterra, em Neubabelsberg e Tempelhof, na Alemanha, na Cinecitta, de Roma, nos estúdios de Barcelona e Madrid trabalha-se afanosamente na realização de novos filmes.

Só a França mercê principalmen, ia-mos a escrever exclusivamente, de falta de filmes negativo e positivo, que as fábricas se viram forçadas a deixar de fabricar, se mantêm forçadamente numa actividade e um marasmo que causa impressão. Todos os que admiravam filmes franceses, que ùltimamente acusava, duma maneira geral, um notável nível de elevada qualidade, fazem votos para de novo, dos seus estúdios, saírem obras da categoria da «Grande Ilusão», de «Quai des Brumes» e «Fim do dia».

Nesta página vamos dar uma rápida vista de olhos pelo que se passa, neste momento, nos centros produtores da Europa.

Alemanha

ZARAH LEANDER vai ser MARIA STUART num filme da UFA

Os alemães tiveram sempre especial predilecção pelos filmes históricos, reconstituição de ambientes e de figuras que a história marcou. Muito longa é já essa lista, desde «Anna Bolena» de Jannings e Hennie Porten a Joana d'Arc», passando por «Madame Dubarry», que celebrizou outrora Pola Negri e Ernst Lubitsch e por «Danton».

Para até certo ponto reatar essa tradição, a UFA está agora produzindo «Das Herz des Konigin» — «O Coração da Raínha» — e nêle será reconstituído o período da história da Grã-Bretanha em que os Stuart sobraçaram a corôa de Inglaterra e da Escócia.

O prof. Carl Froelich, que ocupa hoje, tal como Emil Jannings, um dos mais importantes postos directivos do cinema alemão, o homem a quem se ficou devendo «Raparigas de Uniforme», dirigirá o filme, de que são intérpretes Zarah Leander — a notável actriz sueca que o cinema de além-Reno chamou a si incarnando a figura de Maria Stuart, e Willy Birgel.

Friederich Benfer, cujo nome há muito não aparecia num filme, e Axel V. Ambesser são outros intérpretes dêsse novo filme da UFA.

INGLATERRA

LESLIE HOWARD apresenta uma nova vedeta no seu próximo filme

Leslie Howard, o notável actor inglês a quem «Animatógrafo» acaba de galardoar, atribuindo-



Leslie Howard dá as últimas indicações a Mary Morris

-lhe a sua medalha para a melhor interpretação masculina, está agora dirigindo nos estúdios que Alexander Korda mandou construir para a London Film, um novo filme.

Há poucas semanas regressado de Hollywood, o intérprete e co-realizador de «Pigmaleão» iniciou já os trabalhos de realização do filme *Pimpernel Smith* de cujo argumento é autor e cuja acção decorre pouco tempo antes da guerra, focando as aventuras dum misterioso personagem que, à maneira do famoso «Pimpinela Escarlate», consegue libertar, determinados prisioneiros, de campos de concentração alemães.

Leslie Howard, que é o realizador e o produtor do filme, é também o seu principal intérprete. É êle o misterioso Pimpinela Smith. Mas a grande revelação do filme, como em «Pigmaleão» o fôra Wendy Hillier, vai ser Mary Morris, que embora tivesse sido já a intérprete da versão inglesa de «Prisão sem Grades» e de ter aparecido em «Ladrão de Bagdad» e «Major Barbara», de Bernard Shaw, passava quási despercebida no cinema inglês.

Mary Morris, por quem os produtores americanos pouco ou nada se interessaram quando há pouco esteve em Hollywood, na altura em que ali se concluía «O Ladrão de Bagdad», e em quem Howard põe as suas mais completas esperanças, vive no filme a figura da filha dum jornalista polaco, prisioneiro num campo de concentração.

O filme oferece aspectos curiosos e, como se depreende do que deixamos dito, decorre num ambiente de actualidade que muito o valoriza. Como se trata duma nova obra do famoso intérprete o interêsse que a rodeia é enorme. A fotografia que ilustra estas linhas foi tirada em pleno estúdio, durante a árdua tarefa da elaboração do filme. Leslie dirige. E, basta vê-lo naquele instantâneo para verificarmos que a diferença entre o Leslie Howard real e o Leslie Howard que vemos no «écran» é absolutamente nula.

ESPANHA

Jean Choux e Gelza von Bolvary vão trabalhar em Espanha

A produção espanhola está tomando um incremento enorme, atingindo já um número perfeitamente invejável os filmes produzidos anualmente.

Aos técnicos espanhóis tem vindo juntar-se alguns elementos estrangeiros de valor, sobretudo no que diz respeito a operadores e a realizadores. Operadores franceses como Barreyre, que já trabalhou em Portugal, e alemães como Ted Pahl colaboram na produção espanhola.

Agora uma firma importante, a Hespania Filmes de Madrid, contratou dois realizadores estrangeiros para dirigir dois filmes de importância. Um dos filmes é a adoptação cinematográfica duma opereta de Franz Suppé, «A Bela Galathéa», que o realizador francês Jean Choux dirigirá. O outro encenador é nada mais nada menos que Gelza von Bohary, consagrado director alemão, verdadeiro especialista de opereta cinematográfica, que vai dirigir «Tu me has hecho feliz», no estilo dos seus outros filmes realizados na Alemanha.

COISAS INDISCRETAS

O divórcio de DANIELLE DARRIEUX e a sua partida para a América

Já acima dissemos que a actividade cinematográfica francesa



DANIELLE DARRIEUX

está completamente paralizada. Os nomes dos seus artistas deixaram de soar aos ouvidos dos cinéfilos seus admiradores. Nada dêles se tem sabido.

Por isso, foi com certa curiosidade que se recebeu a notícia da acção de divórcio que Danièlle Darrieux intentou contra seu marido, o realizador Henry Décoin.

Quem souber o papel que Henry Décoin tem desempenhado na carreira de Danièlle — a êle deve, mercê das suas relações no jornalismo, grande parte da sua notoriedade e de publicidade feita em volta do seu nome; era êle também o seu conselheiro em assuntos cinematográficos e um zelador excepcional dos seus interêsses artísticos — ainda mais estranha deve parecer tal resolução da intéprete adorável de «Regresso ao Lar» e «Porque Bates Coração», dois magníficos filmes que Décoin dirigiu.

Danièlle Darrieux deve dentro de dias passar por Lisboa, a caminho da América, onde a espera u mcontrato com a RKO-Radio Filmes.

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

O novo filme de ROBERT TAYLOR para a M-G-M PASSA-SE EM LISBOA!

Portugal, ou melhor, Lisboa, parece que vai estar na ordem do dia do cinema americano. As circunstâncias especiais da hora presente, fizeram da nossa capital o ponto de passagem imprescin-

dível de personagens famosos em todos os campos da actividade humana, nas suas visitas ao Velho Continente. E ao mesmo tempo chamaram sôbre Lisboa as atenções gerais dos produtores de Hollywood, que parece terem encontrado nela um quadro novo e inédito para os seus filmes. Casas produtoras têm procurado documentação sôbre o nosso país, tendo sido já enviados para a Califórnia elementos de real interêsse.

Demonstrando à evidência o interêsse pelas nossas coisas está o facto de há poucos dias um organismo oficial ter recebido um pedido dum dos mais importantes guarda-roupas de Hollywood — o Western Costume — habitual fornecedor dos estúdios, para que lhe fôsse fornecido desenvolvida documentação sôbre determinadas indumentárias de organizações e entidades portuguesas, que poderão vir a ser necessárias em futuras produções.

Concretizando êsse interêsse do Cinema americano por Portugal está o filme da Paramount «Uma Noite em Lisboa», neste momento em vias de conclusão nos estúdios de Marathon Street, de cuja realização os nossos leitores têm sido, por mais duma vez postos ao corrente.

E agora uma notícia nova nos chega de um outro filme a que Lisboa vai servir de importante quadro de acção.

Desta vez é a Metro Goldwyn Mayer que resolveu dar a Lisboa a honra do título dum filme de importância — «Episode in Lisbon» segundo um argumento original de Everett Freeman, e de cuja produção será responsável Edgar Selwin.

«Episódio em Lisboa» vai ser interpretado por Robert Taylor e pela nova vedeta Laraine Day, que a Metro considera uma das



Laraine Day

suas mais prometedoras artistas e a quem acaba de confiar um papel da maior importância em «O Julgamento de Mary Dugan», precisamente a figura que Norma Shearer criou na primeira versão, feita logo no início do sonoro.

É posível que a importância que está sendo dada por aquela emprêsa a «Episódio em Lisboa», obrigue à vinda a Lisboa de Robert Taylor, que interpretaria aqui algumas das principais cenas do filme. Contudo, pelo que respeita a êste último capítulo nada de concreto se sabe, esperando-se que Taylor termine o seu «Billy the Kid», para então o assunto ser resolvido em definitivo.

Inútil se nos afigura enaltecer a importância da iniciativa da Metro-Goldwyn-Mayer. Congratulamo-nos com o facto do nosso país estar — em matéria cinematográfica — nao rdem do dia. Curioso se torna que, numa época em que Portugal é tão conhecido e apreciado lá fora, a América lhe assestę de resto as objectivas das suas câmaras de filmar e o enalteça na tela dos cinemas, aproveitando-o para cenário das suas obras cinematográficas.

A escolha de Robert Taylor parece-nos quási obedecer a um desejo dos cinéfilos portugueses, que, se fôssem chamados a depôr talvez indicassem aquele artista para ofilme em questão.

A ver vamos.

«Episode in Lisbon» prepara-se para ser uma realidade.

GINGER VAI TRABALHAR NUMA COMÉDIA DE KANIN

Ginger Rogers, que acaba de alcançar um êxito clamoroso, festejado por todos os jornais e em todos os tons, com a sua espantosa criação em «Kitty Foyle», em quem alguns querem ver atribuída a estatueta da Academia para a interpretação feminina dêste ano, vai ser a protagonista dum novo filme.

Ao contrário de «Kitty, a rapariga do colarinho branco» — é êste o título daquele filme em português — em que a par de cenas de grande leveza e comicidade, há outras de grande densidade dramática, o novo filme, que se intitula «Tom, Dick and Harry», é uma comédia, com muita música e muitos bailados, no estilo daqueles que a celebrizaram ao lado de Fred Astaire. Garson Kanin é quem dirigirá.

Naquele filme da RKO-Radio, aparecerão George Murphy, o notável dansarino que vimos esta época, já, em «Idílio Musical», Burgess Meredith, um grande actor, e o correcto Alan Marshal. Ginger Rogers e George Murphy dansarão cinco bailados, criados por êste último.

As SÉRIES estão na ordem do dia por decisão dos americanos

O público americano, especialmente os freqüentadores dos cinemas da província, clàssicamente situados no Midle West, tem uma predilecção especial pelos filmes que fazem parte de séries que se tornaram famosas; a família Hardy, os Charlie Chan, a família Blondie, etc.

Correspondendo a essa aceitação invulgar que tais filmes gozam, a maioria das companhias produtoras têm êste ano projectadas nada menos que trinta e uma série de filmes dêsse género.

Assim a Metro Goldwyn, além da Família Hardy, tem ainda a série das «Maisie» com Ann Sothern, a «loira-explosiva»; os «Dr. Kildare», com Lew Ayres; a série de «Nick Carter» encarnado na tela por Walter Pidgeon, e agora uma nova família cujo primeiro filme foi Keeping Company».

Por sua vez a Fox tem os «Charlie Chan», os «Cisco Kid», de que César Romero é o protagonista, e o novo detetive Michael Shayne, além da «Família Jones».

A RKO-Radio tem a série de comédias de Leon Erroll e Lupe Velez, interpretando um casal mexicano, o «Santo», que George Sanders popularizou, a série do «Dr. Christian» vivido por Jean Hersholt e os «westerns» de Tim Holt.

A mais importante série da Paramount é a do cowboy «Hopalong Cassidy» que William Boyd interpreta e de que estão feitos já trinta e seis filmes, seguindo-se a «Família Aldrich»».

O «Lôbo Solitário» e o detective Ellery Queen são os dois titulares de duas séries muito apreciadas, da Columbia, que produz ainda os «Borton Blackie» e a famosa «Família Blondie». A Universal tem a série de filmes de aventuras de que Richard Arlen e Andy Devine são os protagonistas.

No activo da Warner Bros. contam-se a Família Lemp das «Quatro Filhas», e os «Brother Rat», de que Eddie Albert é a vedeta.

A «Família Higgins» pertencente à Republic, que tem ainda os filmes de Mr. District Attorney» e os «Three Mesquiteers»; a Monogram com «The Range Busters», os «East Side Kids» e o detective chinez interpretado por Kaye Luke, que foi já o filho de Charlie Chan, são algumas séries mais de tipos cinematográficos.

FITAS NA FORJA

- *BLONDIE GOES LATIN, com Penny Singleton, Arthur Lake, Larry Simms, Danny Mummert, Tito Guizar e Ruth Terry. Realização de Frank R. Strayer. Fotografia de Henry Freulich. Columbia. (Aliança Filmes).*

- *I WANTED WINGS, com Brian Donlevy, Ray Milland, William Holden, Wayne Morris, Constance Moore, Veronica Lake, Harry Davemport, Herbert Rawlinson, Hedda Hopper, Alan Hale Jr. e Hobart Cavanaugh. Dirigido por Mitchell Leisen. Fotografia de Leo Tover. Paramount.*

- *TOBACCO ROAD, com Gene Tierney, Charley Grapewin, Marjorie Rambeau, William Tracy, Elizabeth Paterson, Slim Summerville, Ward Bond, Grant Mitchell e Ziffie Tilbury. Realizada por John Ford. Fotografia de Arthur Miller. Fox.*

- *RAGE IN HEAVEN, com Robert Montgomery, Ingrid Bergman, George Sanders e Lucile Watson. Direcção de Robert Sinclair. Fotografia de George Folsey. Metro Goldwyn Mayer.*

A PÁGINA DOS NOVOS

APRECIEM O BOM CINEMA!

Actualmente, o que as raparigas vêem no Cinema são apenas os «meninos bonitos» e não os bons actores.

Infelizmente, isto é verdade e é pena!

Um Robert Taylor ou um Richard Green são muitíssimo mais apreciados que um Paul Muni ou um Spencer Tracy. E porquê? Porque são... *feios*. É isto uma razão?

Há até, caso raro, actores interessantes e com talento, como Charles Boyer.

No entanto, se fôssemos falar, a uma rapariga, dêste excelente actor a sua resposta seria: «Ah! Eu também gosto muito dêle, pois tem... uns olhos lindos!»

Isto é para desesperar.

Estas raparigas, que pensam ser cinéfilas na verdadeira acepção da palavra, não o são.

O que se dá com as raparigas, acontece também com os rapazes. Qual é aquele que aprecia o superior talento de Bette Davis?

Para êles, um filme em que apareça o corpo quási despido de Dorothy Lamour, cujo talento está na razão inversa da beleza, vale mais que um de Greta Garbo.

Por isto, não entendam que só gosto de filmes dramáticos. Mas não é só nestes que há talentos.

Alice Faye, por exemplo, no seu género, é uma boa artista. Como ela, há muitas e muitos.

Sei perfeitamente que esta opinião vai acirrar contra mim os ânimos de bastantes rapazes e raparigas. Mas consola-me a certeza de que muitíssimos me darão razão, e êsses são os verdadeiros cinéfilos.

Além dêstes defeitos da nossa juventude para com o bom cinema, ainda há muitos outros. Falemos por exemplo dêstes: A maior parte das pessoas, não tôdas felizmente, vai ao cinema como passatempo ou distracção.

É freqüente ouvirmos dizer: «Hoje, não tenho onde passar o tempo. Já sei, vou ao cinema».

E lá vão, não tendo em mira os problemas de tese interessantíssimos que por vezes se debatem no cinema, nem ainda a cultura geral que dêle poderemos extraír.

Ainda há bem pouco tempo, veio às nossas telas um filme admirável, explendidamente interpretado, e que, infelizmente, não teve das nossas plateias o acolhimento que era de esperar.

Refiro-me ao «Monte dos Vendavais».

Muitos alegaram ser inverosímil, outros que Laurence Olivier era exagerado na sua intepretação de Heathcliff e muitas outras razões que mostram bem quão raríssimas foram as pessoas que compreenderam a valer.

Não sejamos injustos e dêmos o seu justo valor a um filme tão admirável como invulgar e que bem merece a nossa simpatia.

Para que acabem todos estes erros é preciso que nós, cinéfilos, sejamos dignos dêste nome, isto é, que apreciemos o bom cinema.

MARIA HELENA

A curiosa história dum cinéfilo exemplar

De todos os cinéfilos que conheço, o mais entusiasta, o mais doido (aliás com juizo) pelo Cinema, é o Vítor.

O Vítor, um nome que não interessa aos leitores desta página, é o cinéfilo mais corajoso e exemplar de todos os elementos que compõem o «bloco» dos meus camaradas das digressões cinéfilas.

Considero-o até o caso mais extraordinário e típico de «cinefilismo» que conheço.

Êle é o próprio a confessar que conhece as suas estravagâncias, mas não olvida os belos momentos de alegria espiritual que o Cinema lhe tem proporcionado.

Confessa também que a sua carreira de cinéfilo está assegurada porque a Sétima Arte o dominou e venceu totalmente, assim como a lâmpada eléctrica venceu a candeia, o tractor a charrua, o automóvel e o avião o cavalo, etc.

Embora reconheça nêle tôdas as suas estravagâncias que eu, cinéfilo dos quatro costados, não posso censurar, não tenho a menor dúvida em afirmar que tem todo o direito ao mesmo título, não só por se tratar dum freqüentador muito assíduo das salas obscuras, mas também pelo entusiasmo com que defende o Cinema e a maneira apaixonada como fala dos ídolos do «pano branco».

Num dos grandes inquéritos do «Animatógrafo», o ilustre professor Vitorino Nemésio é de opinião que, para se ter o direito ao título de cinéfilo, é preciso estar pelo menos duas horas por noite, às escuras e ter em dia os signos e constelações de Hollywood.

Ora, o meu herói, sòmente perde uma sessão de Cinema por motivo de saúde ou então por fatalidade financeira — o que, aliás, é raro suceder — pois o grande cinéfilo tem a felicidade de possuir um tio rico, proeza que é o orgulho da sua carreira cinéfila.

Acêrca dos signos e constelações, creio que não há cinéfilo que lhe leve a palma. Êle está sempre em dia com o que decorre na Cinelândia.

Possue — afirma o grande herói — uma das melhores colecções de «fotos» devidamente autografadas, dos mais categorizados artistas do Cine e é capaz de responder à mais complicada pregunta que lhe façam sôbre a «matéria».

Quando os jornais anunciam a chegada duma «estrêla», o grande herói enverga o seu melhor fato mais ou menos estilo «Galã» e lá vai de abalada ao encontro dos seus ídoles.

Há dias, contou com certa mágua, a desilusão sofrida naquela tarde, passada em Cabo Ruivo, à espera de Paullete Goddard e de Charles Chaplin.

Teve que regressar sob o pêso dum sonho desfeito e recordou o aforismo de Le Bon:

«Muitos homens há que passam fàcilmente sem verdades, nenhum dêles é bastante forte para passar sem ilusões».

Quando Ann Dvorak chegou a Lisboa, o nosso cinéfilo não hesitou um momento e apresentou-se no Avenida Palace, conseguindo o que muitos e muitos cinéfilos devem invejar: uma «foto» autografada da interessante e gentil vedeta de «Scarface».

O «bloco» ainda chegou a duvidar do êxito do nosso herói, mas não teve remédio senão render-se à evidência dos factos, continuando a ver em Vítor um cinéfilo exemplar e cheio de coragem.

E a verdadeira coragem, como disse Condillac, «é uma confiança esclarecida que não há nada que a perturbe».

ANOTADOR DE IMAGENS

ACARINHEMOS o cinema português

O cinema português está desacreditado entre os portugueses. E digo «entre portugueses» porque ninguém pode negar que as produções lusitanas alcançam relativo êxito e agrado nas telas estrangeiras onde são projectadas. A Imprensa e a crítica, especialmente no Brasil, Espanha e Estados Unidos, acolhem com palmas filmes que em [illegible] tão [illegible] tôdas as [illegible]

Não procuremos, como muitos fazem, achar semelhanças no nosso cinema com qualquer outro. Ai do cinema que não tem estilo e ambiente próprio! Não comparemos uma comédia de Leitão de Barros com uma outra de Lubitsch! Não exijamos a um Oscar de Lemos que dê às suas cênas o realismo dum Jean Gabin! E então, o cinema português terá atractivos. O resto virá com o tempo. O nosso cinema tende a aperfeiçoar-se, a criar uma escola diferente de tôdas as outras.

E' dever de todos os portugueses acarinhá-lo, propagá-lo, dar-lhe todo o seu apoio e incentivo!...

ARMINDO BLANCO

CORREIO DOS NOVOS

C. F. DOURADO — Não imagine que o que falta aos nossos realizadores é boa vontade para fazer documentários: o que lhes falta é dinheiro. O documentário, embora se julgue o contrário, é um dos géneros mais caros, por ser o menos remunerador. Só as grandes companhias se podem permitir êsse luxo. Entre nós é que se imagina o contrário, como em geral em tudo o que se refere a cinematografia. O seu artigo é pois injusto, e não será publicado. A propósito: não se escreve sob *um assunto, mas* sôbre *um assunto.*

MARIA GIL — O seu argumento é bem imaginado, mas não despertaria grande interêsse, nem seria nunca autorizado, por bolir com uma respeitabilíssima instituïção. O seu artigo «Hábitos que prejudicam» tem espírito e é útil. Será publicado.

PATO DONALD — És um rapaz tão simpático que te dou a honra de te tratar por tu. Ainda bem que gostaste do filme, e que achaste os artistas simpáticos, principalmente quando lhes pediste os autógrafos. Só te enganaste quanto ao A. L. R., que êsse não é simpatia nenhuma... Desiste de visitar as nossas «instalações». Precisavas de dispor de uma semana inteirinha e de um cicerone. Não há como ter ilusões, meu Donald!

CONDE MISTERIOSO — O seu artigo sôbre Maria da Graça não tem qualquer valor, porque o meu amigo nunca a viu e fala dela como se a tivesse visto. Quando a vir, redobrará de entusiasmo — e então apareça. Mas, pelas alminhas, mude de pseudónimo!

SEPÚLVEDA — O seu novo artigo está bem escrito, mas tem pouco interêsse. E não conte com o parêntesis (Ex-Sepúlveda). Escolha: ou o nome ou o pseudónimo.

RETARDADOR

A FEIRA DAS FITAS

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

OS MARX NO FAR-WEST (Metro)
— A actuação de GROUCHO, CHICO e HARPO MARX.
— A sedução angélica de DIANA LEWIS e a sedução canalha de JUNE MAC CLOY.
— O argumento de BREECHER e a realização de E. BUZELL.

O HÉRCULES MODERNO (Columbia — Lisboa-Filmes)
— A interpretação de JOE E. BROWN tão simples, tão correcta e patenteando tantos recursos.

«NÃO, NÃO, NANETTE» (Rádio-Filmes)
— O talento, a graça e a vivacidade de ANNA NEAGLE.
— A fotografia de RUSSELL METTY.
— O aproveitamento da canção «Tea for two», de VINCENT YOUMANS.

«A CIDADE TURBULENTA» (Filmes Alcântara)
— A interpretação no seu conjunto e, em especial, o desempenho de MARLENE DIETRICH e JAMES STEWART.
— A realização de GEORGE MARSHALL, pelo carácter e vigor dados a tôdas as cenas culminantes.
— O argumento e a planificação de FELIX JACKSON, HENRY MYERS E GERTRUDE PURCELL.
— As filmagens e a fotografia de HALL MOHR.
— A montagem de MILTON CARRUTH.

«PRÓLOGO DE UMA GUERRA» (Aliança Filmes)
— As cenas do baile, os trechos de documentário intercalados no filme, o diálogo entre a condessa e a duquesa quando do seu primeiro encontro e o discurso do arquiduque em Serajevo.

«BALALAIKA»(M. G. M.)
— A revelação de HONA MASSEY e a «presença lírica» de NELSON EDDY.
— As cenas de cabarés, os episódios que precedem a revolução e a seqüência da Noite de Natal entre os refugiados.

"OS MARX NO FAR-WEST"

(«Go West»)

Para além da farça, ultrapassando freqüentemente os limites da lógica para criar uma super--lógica dos acontecimentos, os irmãos Marx criaram um estilo especial de acção e de representação. Em fitas sucessivas vimo-los explorarem o «non-sense» sempre com aquela marca de optimista loucura que os transformou em personagens familiares e com uma dinâmica e comunicativa alegria. E pelas fitas que interpretaram, uma vez que criaram um estilo dinâmico e são actores dinâmicos, vimos muitos bocados de bom Cinema, de alegre e comunicativo Cinema que poderá não agradar aos «senhores muito sérios» que acham que «aquilo é um disparate» mas tem feito a delícia de muita gente sobretudo daquela que entende que a fantasia não fica mal a ninguem.

Desde «Uma Noite na Ópera» que os irmãos Marx não nos apareciam numa fita da categoria desta que ora vimos. De ponta a ponta, tôdas as seqüências estão recheadas de interêsse, umas pela graça do diálogo onde o dito--disparate serve quási sempre intenções de sátira como a seqüência do embarque, outras pela acção em que se largam à sôlta tôdas as situações e conseqüências misturadas, em arrancos que à fôrça de se precipitarem chegam a ser ofegantes, estou-me a lembrar do que se passa dentro da diligência e das peripécias da acidentada viagem de combóio que fecha o filme).

Impossível ou, melhor, desnecessário dizer da qualidade da interpretação dos três irmãos. Tenho para mim que os vejo sempre representar bem e seria difícil dizer mal porque não há pontos de referência que permitam uma comparação (avaliação, portanto) do seu estilo clownesco tão singular. Groucho, Chico e Harpo vão sempre bem, tenho-os visto ir sempre bem. Sòmente variam as qualidades das fitas que interpretam que em «Go West» são excepcionalmente valiosas, honrando os nomes de Irving Breecher, argumentista, e de Edward Buzzell, realizador.

Todos os restantes interpretes secundam com valor a representação dos três cómicos. Há porém dois nomes, duas mulheres que queremos salientar na nossa apreciação: Dianna Lewis e June Mac Cloy. Uma e outra têm episódicas aparições mas são inesquecíveis. A primeira (que é mulher de William Powell) revela-se boa actriz, sóbria e com um encanto feminino que fatalmente lhe vem de alguma coisa mais que a admirável figura e o lindo palminho de cara que tem. A segunda, cuja semelhança com Alice Faye é, por vezes, flagrante, é uma cantora, uma cançonetista com personalidade e alma para fazer sentir a taberna do oeste.

Parabens às legendas portuguesas que cumprem airosamente a ingrata missão de «traduzir» um diálogo quási todo feito de «slang», de trocadilhos e das alusões mais distantes. — F. G.

"HÉRCULES MODERNOS"

(«The Gladiator»)

É proverbial a pureza de tôdas as farças de Joe E. Brown, feitas com a intenção de agradar embora a todos os graúdos mas não ofender nunca os meúdos. Mais uma vez estas normas se verificam na fita do grande cómico americano bom actor, de personalidade riquíssima capaz, a pesar de todos os espinhos que lhe criam a sua figura e os seus papeis, de fazer passar o espectador do riso mais franco para a comoção mais sentida com admirável e talentosa simplicidade de processos que têm alguma coisa de clássico.

O argumento desta fita baseado numa ideia com engraçada originalidade é apenas pretexto para lançar Brown nas suas tribulações e mostrar não só quanto é grande actor como também quanto vale como acrobata. Há nela momentos colossais mas são principalmente dignos de especial referência a primeira sessão de treino, o combate de luta final e os «gags» que apresentam as conseqüências da muita fôrça de Brown a determinada altura da fita. Um conjunto técnico-cinematográfico muito satisfatório.— F. G.

"NÃO, NÃO, NANETTE"

(No. no. Nanette)

A esplêndida recordação que ainda temos de «Irene» (o que, aliás, não é difícil) de certo contribuiu para a desilusão que «Não, não, Nanette» nos causou. Esperávamos encontrar neste as mesmas qualidades, pelo menos, que tanto nos haviam agradado no outro filme de Anna Neagle e do seu marido Herbert Wilcox. Mas, se verificámos de novo o mesmo apuro em certos naipes da encenação e as mesmas qualidades na protagonista, tivemos a surprêsa de ver que a adaptação da opereta célebre de Mandel, Harbach, Youmans e Nyitray deixara muito a desejar, por ter sido bastante mal trabalhado o argumento, e principalmente porque a sua planificação foi manifestamente infeliz — simplista, cheia de «ingenuïdades», titubeante. Também em Hollywood é possível por vezes que um trabalho dêstes saia falhado. Sirva-nos isso de consolação... Na direcção dos actores, Wilcox não atingiu a costumada craveira, especialmente nas cenas cómicas. Não soube libertar-se, por um lado, do carácter teatral de certas situações por outro, misturou a farsa e a comédia, como nas operetas teatrais. O resultado foi um excessivo artificialismo, que não conquista o espectador porque sôa quási sempre a falso.

A linda música de Vincent Youmans foi também pouco valorizada, embora se faça notar mais uma vez a direcção musical de Anthony Collins. A canção famosa «Tea for two» teve no entanto bom aproveitamento.

Excelentes os cenários de Darrell Silvera, como excelente é o bailado que Anna Neagle dança, acompanhada por um grupo de «girls»; excelente como bailado e como composição cinematográfica. Pena é que não tivessem procurado «encaixá-lo» melhor na acção.

Quanto à fotografia, do operador Russel Metty, não há quaisquer restrições a fazer. Do princípio ao fim distingue-se pela sua qualidade e unidade.

O filme é interpretado por um óptimo grupo de artistas: Richard Carlson (Tom), Victor Mature (o empresário), o magnífico Roland Young, Helen Broderick (a senhora Smith), Zazu Pitts, Eve Arden (Kitty), o gordo Billy Gilbert — e Anna Neagle. Apenas esta consegue distinguir-se e brilhar, cantando, dançando e representando com o talento, a graça e a vivacidade que lhe são peculiares.

É nosso dever acrescentar que as legendas contribuem para a impressão pouco lisongeira produzida pelo filme. Pouco lisongeira — entenda-se — especialmente em relação a «Irene», isto é àquilo que Wilcox e a sua *équipa* são capazes de fazer — D. M.

"A CIDADE TURBULENTA"

(Destry rides again)

Poucas dezenas de metros de *«Destry rides again»* tinham sido projectados no quadro branco e já nós experimentavamos, com intensidade raras vezes verificada na nossa já longa carreira de cinéfilo assíduo, a sensação nítida de ver Cinema—Cinema autêntico, vivinho da costa e a saltar, Cinema sem mistura, do bom e do bonito. E essa impressão não só se manteve, mas até se acentuou durante o resto da exibição. «A Cidade Turbulenta» fica na história da cinematografia como um dos mais puros espécimes da arte e do espectáculo das imagens sonoras e animadas. Eis uma afirmação que fazemos com absoluta tranqüilidade e em plena consciência — até em plena consciência da indignação que de-certo causaria em certos espectado-

(Continua na pág. 18)

CINEMA DE AMADORES

ADA-FILMES, uma interessante agremiação portuense



Lopes Fernandes e Augusto Romariz, principais dirigentes da ADA Filmes

Infelizmente, parte dos amadores portugueses desconhecem a existência da agremiação portuense ADA filmes. E isto sucede pela falta de contacto que se verifica entre os nossos amadores, o que é para lamentar.

Por considerarmos interessante para os leitores de «Animatógrafo» e útil aos amadores, entendemos dar a conhecer, uma agremiação que nos merece a maior consideração por acima de tôdas as suas qualidades nos patentear um grande amor pelo Cinema e revelar uma forte persistência o que é invulgar no tempo actual.

Presentemente a mocidade encontra-se completamente transformada. Só lhe interessa o desporto — admirável para o desenvolvimento físico —, a distracção — por intermédio do espectáculo cinematográfico e dos bailes — e os estudos, porque a isso muitos são obrigados. O interêsse por uma preparação, já não digo intelectual — pois para mal dêles muitos se supõem intelectuais, só por conhecerem meia dúzia de coisas e escreverem outra meia dúzia e isto por não poderem ir mais além — mas para a vida, para o conhecimento de inúmeros pormenores que só anos de existência conseguem revelar; êsse interêsse não existe em quási tôda a mocidade actual.

É portanto compreensível o nosso entusiasmo ao encontrarmos uns rapazes que já têm preocupações, que já procuram, apesar da sua pouca idade, resolver problemas, por vezes graves, dentro do seu círculo de vida. E, para se preocuparem ainda mais, formam uma sociedade que pode considerar-se verdadeiramente organizada. Assim, pouco a pouco, vão-se preparando para a vida. Os estudos dão-lhes a necessária preparação do espírito, e a sua preocupação clubista prepara-os para conhecer alguns dos variadíssimos aspectos da vida. Deve pois admirar-se os dirigentes e associados da ADA filmes que com tanta vontade se preparam para enfrentar os inúmeros problemas da vida.

O que é e o que tem feito

Organizada em 1 de Julho de 1938 a ADA filmes tem portanto trinta e dois meses de existência o que é invulgar entre as suas congéneres.

Fundada por Ângelo Pinto, Augusto Romariz e António Lopes Fernandes possue presentemente bastantes sócios que pagam uma cota mensal de três escudos. Utilizam o formato 9,5 m/m e têm um equipamento completo *Paillard Bolex* e outro *Pathé Baby*.

Produziram já três filmes:

Awak em 1938, *Casamento de Encomenda*, realizado e fotografado por Augusto Romariz tendo como intérpretes Alberto Silva, Lopes Fernandes, Jorge de Almeida, Eurico Santos e Veludo Gouveia em 1939. *O Rapaz de Miramar*, fotografia e direcção de Augusto Romariz, interpretado por Zézita Valente, Ilda Dias, António Pacheco, Virgínia Etiel, Orlando Amanajás, Celso Viana, e outros. Além de intérpretes Lopes Fernandes e Veludo Gouveia foram os assistentes do realizador.

Em fins de 1940 iniciaram-se as filmagens dum novo filme, *Quimera* de que era realizador Veludo Gouveia. Por divergências que surgiram suspendeu-se a filmagem.

Em Janeiro dêste ano iniciou-se a preparação de *Suicida* de Lopes Fernandes cujas filmagens já começaram.

Duas publicações

Não se poupando a trabalhos e sacrifícios, os dirigentes da ADA editam uma revista e um jornal.

A revista CINEADA, iniciou a sua publicação em 1 de Novembro de 1938. Ao contrário do que possa supôr-se esta revista não é impressa e apresenta-se com um aspecto «gráfico» deveras interessante. Os seus artigos deviam ser lidos pelos amadores portugueses, pois se extraiem dêles conceitos em que se deve meditar.

A outra publicação é O JORNAL DA ADA, e no seu primeiro número insere um artigo, que se não fôra ser destinado exclusivamente aos sócios da ADA muito gostaríamos de transcrever.

Esperamos poder expô-las brevemente numa das montras dum estabelecimento da especialidade, para que os amadores de Lisboa possam admirar o espírito de trabalho, a paciência e o amor pelo Cinema dos sócios da ADA filmes.

Orientação

Do n.º 4 da CINEADA transcrevemos parte dum artigo do sr. Domingos Romariz Peres, primeiro presidente da ADA filmes:

Seria até conveniente que a mocidade olhasse para o exemplo que lhes dá a rapaziada da ADA, que, entende não ser só prazer o dar pontapés em qualquer bola de trapos, tuberculizando-se durante um dia inteiro; e escolhendo antes um divertimento que lhes é bem mais útil.

Eu sou apologista de que qualquer rapaz faça sport, mas sim, quando pratica, com método, as diferentes modalidades, juntando-as à cultura do seu espírito e inteligência, moralizando a sua vida e deixando mesmo que os companheiros lhe tirem algumas arestas que porventura possam ter.

É o que tenho visto na ADA filmes, a que tive a honra de algum tempo presidir, e a quem não deixo de salientar a fraca escolha.

Não são favores as palavras referidas e se quereis exemplos vidé os seus filmes, tão cheios de simplicidade, e que foram realizados com os resultados da camaradagem de que vos falo.

Estas palavras não necessitam de comentários, valem por si só.

Mais além...

Quando duma viagem que fizemos à capital do Norte, tivemos ensejo de visitar as instalações da ADA filmes, e cavaquear um pouco com Augusto Romariz, Lopes Fernandes e alguns associados.

Das impressões então recebidas damos conta agora.

As sociedades e clubes de amadores organizadas no nosso país, falharam quási tôdas como resultado das constantes divergências entre sócios, devidas a uma má organização e falta de interêsse pelo seu engrandecimento.

A ADA, apesar de nem sempre existir a harmonia que seria para desejar, possue alguns sócios que a amam deveras e se interessam por tudo o que lhe diz respeito. A êles, pois, se deve a perfeita organização, e mais do que isso: a existência da única agremiação portuguesa de amadores, digna de por ela se fazer alguma coisa. Acima de todos, e disso são merecedores, pelo esfôrço que têm dispendido e dinheiro que têm gasto, devem-se colocar Augusto Romariz e António Lopes Fernandes.

Jovens, têm, porém, a consciência das responsabilidades que os rodeia e tomam tanto a sério os seus trabalhos que, posso garanti-lo por vezes se supõem mais velhos e que em vez de amadores são profissionais. Isto nada tem de desprimoroso, pelo contrário, revela da nossa parte admiração pelos seus trabalhos.

Oxalá os seus consócios compreendam o valor dêles e secundem com o mesmo entusiasmo, de que êles se encontram possuídos, os trabalhos a que metem ombros.

Mas, é preciso mais.

É necessário que a ADA seja mais do que é.

Hontem pouco havia. Hoje há uma sede, três filmes apresentados, um em execução, outro preparado. Amanhã, mais, muito mais.

E para diante; que vontade vimos nós.

Novo rumo

Há sempre um *mas* em quási todos os aspectos da vida.

A ADA, sendo também um aspecto da vida, tem o seu *mas* que os seus dirigentes procuram remediar; a sua orientação como amadores de Cinema.

Por um êrro, de que não são culpados, pois se deve a uma incompreensão inicial do amadorismo cinematográfico no nosso país, os amadores da ADA têm feito as suas obras segundo os moldes profissionais.

(É conhecida a nossa opinião sôbre o assunto, portanto desnecessário será afirmá-la mais uma vez).

Porém depois de observar os efeitos dos seus filmes resolveram enveredar pelo caminho certo. E assim vão colaborar com Eduardo Zarco, amador lisboeta, na realização do documentário cultural «*Cidade em flor*», de que já demos notícia na secção de *Actividade*.

E vão mais longe:

Propõe-se Augusto Romariz iniciar em breve a realização do filme *Nocturno* de que daremos notícia mais desenvolvida logo que tenhamos elementos para tal.

Desnecessário será dizer que os sócios da ADA se interessam bastante por esta nova orientação tendente a dignificar a cinematografia de amadores no nosso país.

Homenagem

O que se leu é para nós mais do que um simples artigo: é uma homenagem a quem tem direito a ela.

Necessário se tornava, dar a conhecer esta organização que revela ser para os seus associados mais do que uma distracção.

É algo de muito elevado. É a preparação para a vida, é o início duma carreira.

E por ser uma preparação invulgar entendo poder dar aos dirigentes e associados da ADA filmes, sinceros parabens.

JOÃO MENDES

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

ACME (Fafe). — Não sei se a grafia do teu pseudónimo é exactamente a que adoptei. Por isso ponho a menção de origem da tua carta para te orientares. — Como viste, já estás inscrito no «Clube do Animatógrafo». — Poderás escrever-me sempre que quiseres. De bom grado, te atenderei.

CONDE MISTERIOSO. — Começas por me dizer «que não tens assunto para me escrever» e enches 10 fôlhas de papel de carta! Ainda bem que a Inspiração não desceu até ao bico da tua pena, de contrário receberia, pela certa, uma carta, do tamanho de um volume da enciclopédia. — Lamentável a avaria que me relatas e que impediu o público, aí da terra, de ver *Príncipe de Gales* Demais, um bom filme!—Os técnicos a que alude o anúncio deveriam seguir para a Argentina. — O nosso camarada de redacção agradece as palavras que dedicas ao livro dêle, que acabaste de ler. Quando vires *João Ratão*, verás que o livro está escrito sôbre o filme, e que se não afasta dêle.

J. D. N. N. A. M. — Por pouco, era o abecedário todo! Apre! Não necessitavas, amigo *(deixa-me tomar fôlego, para não falhar nenhuma das letras...) J. D. N. N. A. M.*, de pedir licença para entrar nesta secção. A porta está sempre aberta, como «consultório» que é. A consulta é grátis. Escreve, pois. Cá fico à tua espera!

UMA PORTUGUESA QUE NÃO É TROCISTA. — Ainda bem! Fico mais descansado! — espero que arranjes tempo para me escrever. Entreguei, a quem de direito, a senha de voto!

DONALDA. — A carta que me escreves é um modêlo de resignação. Ainda bem. Vejo que estás menos sujeita aquelas crises de «mau génio», que se desencadeavam, sempre que as respostas tardavam... — Não te desconsoles pelo português, a que te referes, ter casado com uma estrangeira. Talvez seja um bem... — Espero que sejas a primeira leitora a enfileirar na organização, em estudos, destinada a agrupar a «nova guarda» como tu chamas aos cinéfilos de menos de vinte anos!

REY...SEM TRONO. — Respondo duma assentada a três cartas tuas: uma de 7, outra de 9 e outra de 13 do mês passado. — Escreve à Michèle Morgan para RKO-Radio Pictures, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Filmes de Capra: *A Derradeira Glória, Loucura Americana, Uma Noite Aconteceu, Doido com juízo, Horizontes Perdidos, Não o levarás contigo, Peço a Palavra!* (Mr. Smith goes to Washington), e *Meet John Doe* (ainda por estrear). — O filme de Eddie Cantor não virá esta época a Portugal. Talvez, para o ano. — Ellen Drew: Paramount Picture Studios, Hollywood, Califórnia. — Gloria Jean aparecerá, em breve, nas telas portuguesas, em *Traquinas Querida*. — Com respeito a *Pureza*, sei tanto como tu!

MISS SÉCULO XX. — Acho que não deves deixar de escrever para a «Página dos Novos». pode acontecer, se o artigo não estiver à altura das circunstâncias, é não o veres publicado! — O Richard Green está ainda muito mal colocado, na escala das classificações. Por êste andar, nunca mais aparece a foto. À urna, pois, admiradoras do Green! Quem sabe o que o futuro te reservará! A única coisa que te

BENJAMINA. — Desta vez não direi: «How could you be so noble!» Limito-me a murmurar: como pôde ser tão injusta?! Verdadeira e sinceramente: considera-me culpado?! — Não pense mais no assunto. Leve tudo à conta de ganhos e perdas, onde não é costume, aliás, lançar os imprevistos... — Tenho cá uma carta do *Zé Fernandes* para si. Como quere que lha mande? Dir-me-á, por favor. — Cá registei o seu voto para as fotos da sèparata: êle, o Leão medroso. Ela, a Fada Má!... Vai ser um sucesso. Estou a ver que daqui por uns dias V. vota no «Homem Invisível» e naquela «Rebecca», que o Diabo haja, e de que nós não vimos um retrato sequer, talvez para compensar a indiscrição das roupas de baixo que a Danvers mostrava com uma unção comovente.

FLY E MARIQUITA. — Estas simpáticas leitoras desejam cartear-se, por meu intermédio, com leitores desta secção. Espero, pois, receber dentro em breve muitas cartas para lhas remeter.

JESSE JAMES. — Folgo por que *Animatógrafo*, desde o n.° 1, não deixasse ainda de te dar inteira satisfação. Bravo! — Podes escrever, sempre que quiseres para esta secção. Gostosamente te responderei. — Acho o teu pseudónimo muito Tyrónico e cinegráfico. Mãos à obra *Jesse James*, amigo. E não desanimes com a demora das respostas, porque as cartas são muitas!

CORAÇÃO COM ESCRITOS. — Fizeste muito bem em escrever-me. Quanto mais não seja, para veres se, com o anúncio em que o teu pseudónimo se traduz, conseguirás, pelo menos, alugar um aurículo ou um ventrículo... — O documentário da Exposição do Mundo Português está em montagem. Vê-lo-emos dentro de algum tempo. É uma obra que, pela sua extensão e responsabilidade, não pode ser feita precipitadamente. E, ainda por cima, não corre o risco de perder a oportunidade .— Transmiti a *Maria da Graça* o teu cartão de visita.

CAPITÃO BLOOD. — Tenho consulentes em Covilhã e Tomar. de Norte a Sul do País! — Se tens, como dizes, habilidade para esgrima, acho o pseudónimo que adoptaste extremamente a carácter. No entanto, o de Porthos, Athos ou Aramis também estariam bem... — Parece-me difícil conseguir «a música da Cavalaria Rusticana para violino» *(sic)!* Se te tens lembrado, talvez fôsse melhor pedires o Teatro de S. Carlos...

BRUNHILDE. — Tens muito bom gôsto em considerares o James Stewart, no número dos teus artistas favoritos. É dos mais notáveis actores do cinema americano! — Sei perfeitamente quem tu és! Mas ignorava se querias ou não que eu remetesse a carta que cá tinha para ti, para a morada que indicaste. — Espero notícias tuas, com a maior simpatia. A propósito: ainda não consegui decifrar bem o teu pseudónimo. É o que figura no início destas linhas ou, como parece deduzir-se da tua assinatura, *Brümhila?*

NINON. — Se visses os infindáveis massos de cem cartas, que figuram na gaveta da minha secretária, não estranharias, *Ninon*, a demora das respostas! — É possível que vejamos, ainda na presente temporada, *It's a date*, de Deanna. — Transmito os teus cumprimentos, conforme pedes, a *Farrusecas Ld.ª*, *Mab Illa, Benjamina, Maria Cotovia, Conde Axel de Fersen da Suécia*, e, em especial a *Deram-lhe uma espingarda*, a quem retribuis as saudações que êle enviou.

TONYMAN. — Escreve à Fox-Filme, Ld.ª, para a Rua Braamcamp, 11 r/c, Lisboa. — Rádio Films: Avenida de Duque de Loulé, 95-1.°. — Cá fica inscrito no número dos meus consulentes. Aguardo novas cartas tuas.

OUBLI. — Veremos se será possível publicar a letra de «Piccolino», do filme *Chapéu Alto*. O filme e a música vão tão longe, que me não parece fácil aceder ao teu desejo. — Vota na Laraine Day sempre que tiveres «coupons» e dêste modo talvez consigas ver a foto da tua apaixonada... — Transmito a *Uma loira que nunca amou* o desejo que tens de te cartear com ela.

CINÉFILO CONQUISTADOR. — Podes assinar as cartas que me enviares com o pseudónimo e acrescenta o nome, se assim entenderes. — Norma Shearer, Eleanor Powell, Spencer Tracy, Mickey Rooney, Shirley Temple, e Clark Gable: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Califórnia. — Éste leitor deseja corresponder-se com Stuart Medeiros.

GARY COOPER EM ERMESINDE. — Já respondi à tua primeira carta. Era, pois, desnecessário o trabalho de me mandar a cópia. — Entreguei os teus «coupons» de voto. — Bette Davis tem, de facto, na *Comédia de Amor* um desempenho magnífico.

CINÉFILO DA ILHA AZUL. — O «Clipper» trouxe-nos, da Horta para cá, as tuas saüdações amigas. — Espero agora que me escrevas, como dantes. — Registo o agrado com que *Animatógrafo* foi recebido na Ilha Azul e o interêsse que te merecem as críticas dos filmes. — Até à próxima!

OLIVA PALITO. — Creio, piamente, que, de ano para ano, o Cinema te vá agradando. cada vez mais. É uma Arte sublime, que de dia para dia nos surpreende e entusiasma! — *Pão Nosso*, como dizes, desagradou-te. O mais curioso é que são as alentejanas, como tu, que o criticam, com mais violência. — *João Ratão* é um filme agradável, muito embora, como tu também, prefira, a êste, a *Canção da Terra*, pelo seu ambiente, pelo seu *tom*. — Acho o teu pseudónimo demasiadamente prosaico, para uma rapariga como tu, tão dada ao romantismo. Mas estou certo de que a esquelética enamorada do Popeye ficará lisongeada com a homenagem. — Dá por mim um abraço à autora do «post-scriptum», apesar dêle não ter sido amável, contigo, no que toca às ilustrações...

SPECTADOR. — O teu pseudónimo parece-me bem. Ante o *spectador* fico na *spectativa*... — Não há nada pior, no meio cinematográfico, do que os «falsos entendidos», que tudo criticam, que de tudo dizem mal... Acho, pois, que fazes muito bem em reagir contra essa corrente demolidora e derrotista! — Pessoalmente também prefiro *A justiça de Jene James* ao regresso do mano... — Obrigado pelas palavras amigas com que fechas a tua carta. E espero que o teu pseudónimo continue a aparecer muitas vezes, nestas colunas.

CONDE DE MONTE CRISTO. — Apreciei vivamente a tua carta, tão sincera, tão simpática e tão amiga. — Estou certo de que serás um leitor entusiasta de *Animatógrafo*, como fôste do *Cine-Jornal*. A nossa revista procurará sempre merecer o vosso inteiro agrado.—Transmito os teus cumprimentos a todos os leitores de *Animatógrafo* e a tua alegria em vê-los todos reünidos, nesta secção.

Bel-Tenebroso

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

«REBECCA»

GANHOU O PRÉMIO DA ACADEMIA!

GINGER ROGERS e JAMES STEWART

SÃO OS MELHORES DE 1940!

Mais resultados

Conforme previramos, antes de fecharmos o nosso jornal recebemos o telegrama de Hollywood com os resultados do concurso da Academia, cujos candidatos damos na página central.

Êsses resultados, proclamados no banquete do Biltmore Hotel, são os seguintes:

O melhor filme — «REBECCA», da United Artists.

O melhor realizador — JOHN FORD, pela realização de «The Grapes of Wrath», da Fox.

A melhor actriz — GINGER ROGERS, pela interpretação de «Kitty Foyle» da R K O.

O melhor actor — JAMES STEWART, pela interpretação de «The Philadelphia Story», da Metro-Goldwin-Mayer.

O melhor argumento original — «OS SETE CAVALEIROS DA VITÓRIA» (North West Mounted Police), de ANN BOCKINS, para a Paramount.

O melhor decorador — CEDRIC GIBBONS, director artístico da M. G. M., pelas decorações de «Pride and Prejudice».

O melhor som — DOUGLAS SHEARER, director de som da M. G. M., pelo registo sonoro de «Strike up the Band».

Os melhores truques — «O LADRÃO DE BAGDAD», de Alexander Korda, para a United Artists.

Êste ano não há razão de queixa. Os «Oscars» (nome familiar das estatuetas atribuídas pela Academia) ficaram em boas mãos.

O filme premiado com o galardão máximo, «Rebecca», já fôra, como dissemos, considerado o melhor de 1940 pelos críticos cinematográficos americanos. Não é freqüente coïncidirem ambos os inquéritos, o que mais valoriza os resultados. Já o vimos, e não temos nada a opor, nem certamente o público português, que o distinguiu com um êxito invulgar.

Parabéns à Sonoro-Filme.

O realizador, a actriz e o actor eleitos também têm a nossa maior simpatia.

Note-se que o argumento premiado não figura entre os candidatos propostos pela Academia.

No próximo número completaremos e analisaremos estes resultados, sujeitos a confirmação no que se refere aos prémios técnicos.

A FEIRA DAS FITAS

(Conclusão da pág. 15)

res, se a lêssem. Para a compreender é preciso também compreender e apreciar o Cinema — na essência do modo de expressão que constitue, e não como um simples passatempo. Essa compreensão e êsse aprêço podem derivar excepcionalmente da intuïção, mas em regra só se adquirem com prolongado comércio e atenta prática, como acontece com qualquer outra manifestação artística. Por isso não será fácil encontrar, entre os indivíduos que vêem fitas há 20 anos, desde a época heróica das «séries» do Olímpia, quem não compartilhe o nosso entusiasmo por *«Destry rides again»*, no qual, aliás, comungarão tôdas as pessoas bem formadas, com sangue na guelra e mocidade de espírito. As outras hão-de torcer o nariz, hão-de chamar-lhe «fita de *cow-boyes*», em tom de depreciação — como se a atmosfera do Far-West fôsse, por princípio, inferior ou menos digna de prender a atenção das gentes do que qualquer outra. O género *cow-boy* o que precisa é de ser tratado com as mesmas preocupações de verdade humana, de inteligência, de espírito, que se exigem para os outros géneros. O resto é paisagem, pretensão *snob* ou possidonismo.

Ora em «A Cidade Turbulenta» (neste filme, para tudo ser bom, até o título português é magnífico) o género *cow-boy* — se assim o quiserem considerar — foi tratado com absoluta felicidade, debaixo de todos os aspectos. A história tem realidade flagrante, uma pontinha de ironia, e a sua «moralidade»; as figuras apresentam-se tôdas com o indispensável volume, com personalidade vincada e por vezes original (o protagonista, com a sua filosofia e as suas parábolas, é um verdadeiro achado); a atmosfera foi reconstituída com eloqüência invulgar, para o que contribue o ritmo vigoroso e rápido da representação e da montagem — perfeitamente adequado ao assunto e ao género do filme; e assim por diante. Em conjunto ou em pormenor tudo foi cuidado com inteligência e com espírito, e por isso mesmo todo o filme tem humanidade verdadeira.

«A Cidade Turbulenta» representa um enorme triunfo para o produtor Joe Pasternack, e para a sua gente — isto é, para a *équipe* que tem realizado a passmosa série dos filmes de Deanna Durbin. Comparem agora, façam favor, essas comédias adoráveis com *«Destry rides again»*, e concluam connosco — façam favor, outra vez! — que é preciso saber muito do ofício, ter a perfeita noção do que seja fazer Cinema, para se obter tão bons resultados em tão diferentes géneros.

O realizador foi George Marshall — roubado ao teatro pelo Cinema, como aconteceu com George Cukor, e que, como George Cukor, demonstrou compreender a diversidade de processos entre a encenação teatral e a cinematográfica. Marshall «mexeu» todos os seus intérpretes, desde Marlène à figuração, com mão de mestre e um endiabrado movimento — que Milton Carruth soube aproveitar e valorizar até, na sua esplêndida montagem.

Muito haveria a dizer ainda, sôbre êste filme, mas o «Animatógrafo» não é elástico. Por isso passamos já ao capítulo interpretação, começando por Marlène, que «A Cidade Turbulenta» restituiu ao esplendor de «O Anjo Azul» e de «Marrocos». Marlène, de novo no seu *emploi*, reencontrou a sua melhor forma, representando, cantando algumas canções magníficas de Frederich Holländer, e até jogando à pancada com convicção e brio. James Stewart tem mais uma enorme criação, numa figura que lhe vai a matar, mas à qual êle faz «render» tudo, expremendo-a até ao fim como grande actor que é. Todos os outros intépretes estão à altura dos protagonistas e da obra, merecendo citar-se Charles Wiminger (o «Sheriff»), Mischa Auer, Brian Donlevy («Kent»), e Samuel S. Hinds (o «governador»). — D. M.

"PRÓLOGO DE UMA GUERRA"

(De Mayerling à Serajevo)

O cinema francês deixou neste filme a sua derradeira marca, antes do calapso que atingiu o país dc além Pirinéus. Em todos os seus pormenores, é uma obra caracteristicamente francesa que revela bem as possibilidades que os estúdios parisienses ofereciam já.

Max Ophüls não pretendeu, decerto, fazer um filme histórico, na pura acepção da palavra. Quis antes aproveitar factos históricos, que ficaram gravados já no nosso tempo, para nêles bussar a acção de um drama que veio a ter repercussão nos nossos dias.

O filme reveste assim certa oportunidade e, até mesmo, curiosidade. Pretende-se justificar o actual conflito europeu na revolta que começou a gerar-se nesse período agitado que vai de Mayerling a Serajevo — duas etapas do mesmo drama de um grande império.

Ao filme, em que inteligentemente se intercalaram pedaços de documentário como «fundo histórico», não falta magnificência nos ambientes onde floresce o amor entre o arquiduque Francisco Fernando e a duquesa de Hohenberg; nem realismo nas cenas agitadas que culminam no desfecho trágico verificado no dia 28 de Junho de 1914, na sossegada vila de Serajevo. Em bom andamento cinematográfico, sem precipitações, tudo é contado com clareza, acelerando-se o ritmo até à cena final, que se adivinha através das bem preparadas imagens que a precedem.

Edwige Feuillere destaca-se no desempenho. Outros intépretes de categoria vemos a seu lado como: Dorziat, John Lodge e Aimé Clariond.

Dois bons momentos do filme são o diálogo entre a condessa e a duquesa, quando se encontram pela primeira vez, e o discurso dc arquiduque em Serajevo. — A. F.

PAULETTE GODDARD É O NOVO PAR DE FRED ASTAIRE!



Desde que deixou de dançar com Ginger Rogers, Fred Astaire tem andado indeciso à procura dum novo par. Depois de Joan Fontaine e Eleanor Powell, coube agora a vez de Paulette Goddard, em «Second Chorus», da Paramount. A avaliar por estas fotografias, chegadinhas de fresco, «Animatógrafo» faz um prognóstico: Paulette e Fred não se largam tão cêdo... se o sr. Chaplin, marido de Paulette, consentir...









Animatógrafo

DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO



BETTY FIELD e BURGESS MEREDITH no filme «AS MÃOS E A MORTE», obra-prima que «Animatógrafo» e a «Sonoro-Filme» vão apresentar

LER NESTE NÚMERO: O ARTIGO DE FUNDO «EM DEFESA DAS OBRAS-PRIMAS»